

BIANCA MÁRCIA FERREIRA

**A Sociologia de Raul Seixas – A arte como espelho social
de sua época**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)
Belo Horizonte, 28 de Fevereiro de 2013.

BIANCA MÁRCIA FERREIRA

**A Sociologia de Raul Seixas – A arte como espelho social de sua
época**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Área de concentração: Sociologia da Cultura

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Antônio Cardoso

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)
Belo Horizonte, 28 de Fevereiro de 2013.

BIANCA MÁRCIA FERREIRA

A Sociologia de Raul Seixas – A arte como espelho social de sua época

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Antônio Cardoso (Orientador)
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof.^a Dr.^a. Ana Lúcia Modesto
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Prof. Dr. Renan Springer de Freitas
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2013.

RESUMO

A pesquisa desenvolvida neste trabalho procurou produzir um conjunto de dados qualitativos que permitissem traçar um esboço das relações sociais mais significativas estabelecidas por Raul Seixas ao longo de sua vida, visando a compreensão de seu “destino” pessoal e artístico. Foram feitas observações em eventos em que Raul era comemorado e entrevistas com pessoas que conviveram com ele. Também foi consultado amplo material acessível pela internet e outras mídias, além da bibliografia mais diretamente relacionada à sua carreira. Esse material é apresentado inicialmente sobre o título de “A Música”, onde se revelam as influências musicais de Raul e o contexto repressivo e contestador da época. Em seguida, sob o título “Raul”, são apresentadas referências importantes de sua trajetória pessoal. À guisa de conclusão, é apresentado um esboço sumário da “configuração de Raul”.

Palavras-Chave: Análise cultural, Raul Seixas, música popular brasileira

ABSTRACT

The research developed on this work attempted producing a set of qualitative data to allow outlining the most significant social relations established by Raul Seixas along his life, trying to understand his personal and artistic "destiny". Observations were made from events in which he was celebrated and from interviews with people who have lived with him. Other sources were the vast material available on the internet and other medias, and also his biography, more directly related to his career. This material is presented initially under the title "A Música" (The Music), where we have exposed Raul's musical influences and the oppressive and contrarian context of the times. Following that, titled "Raul", we introduce important references to his personal journey. In conclusion, we present outlines a summary of the "Configuration of Raul".

Keywords: Cultural Analysis, Raul Seixas, Brazilian Popular Music

**Para Victor,
Por dividir seu gosto musical comigo, e não ter
ciúmes de dividir minha paixão com o Raul**

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, gostaria de agradecer às pessoas que foram fundamentais para sua realização.

Aos meus pais, pelo apoio e carinho que sempre me deram, mais ainda, nos longos anos de estudo, sempre acreditando em mim e me incentivando a continuar com meus projetos e sonhos;

Ao meu irmão, que foi companhia constante e nestes dois anos de mestrado e me ajudou muito na construção do meu texto;

Ao Victor, primeiramente por me apresentar a obra de Raul Seixas e me fazer mais uma fã. Também pela paciência que teve nestes dois longos anos de distância, com pouco tempo para conversar e muito assunto repetido;

À Juju, por fazer de mim uma pessoa melhor, mais calma, mais racional e ao mesmo tempo muito mais sensível para perceber e dar valor às pequenas coisas;

Aos meus colegas de mestrado, que dividiram as agonias e as alegrias e agora são amigos para a vida toda;

Aos amigos que fiz através de Raul Seixas, em especial Sylvio Passos, que sempre me atendeu com atenção e paciência, contribuindo significativamente para a realização deste trabalho;

À todos os professores que foram fonte de conhecimento e inspiração;

Por fim, ao meu orientador, Alexandre Cardoso, pelo incentivo e apoio desde o surgimento da ideia para esse trabalho, pela dedicação e disponibilidade quando precisei. Será sempre um exemplo de profissional e, acima de tudo, mestre.

“Carpinteiro do universo inteiro eu sou.
No final,
Carpinteiro de mim!”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – Considerações Metodológicas	13
CAPÍTULO II – A Música	19
2.1 – A Música de Raul Seixas.....	19
2.2 – O Rock.....	37
2.3 – As Influências de Raul.....	41
2.4 – A música na Ditadura Militar no Brasil.....	45
CAPÍTULO III – Raul.....	52
3.1 – A vida	52
3.2 – Após a morte	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

Eu ainda não tinha um ano de idade quando, em 21 de agosto de 1989, o Brasil, e porque não o mundo, se despediu de Raul Seixas. Não cresci ouvindo histórias sobre sua carreira, e meus pais pouco se lembram do dia em que ele morreu, talvez por não serem fãs de rock, talvez por terem duas crianças pequenas em casa e com isso perderem muitas notícias da tevê. Tudo que sei sobre aquele dia aprendi muitos anos depois, em recortes antigos de jornal, vídeos postados no Youtube ou ouvindo dos mesmos fãs que me apresentaram suas músicas e sua filosofia.

Milhares de fãs reunidos no Centro de Convenções do Anhembi, entoando os versos de Maluco Beleza e o hino da Sociedade Alternativa. O cortejo em carro do corpo de bombeiros e a ideia de fugir com o corpo de Raul, que para os fãs, assim como Elvis Presley, não tinha morrido. O cantor e amigo de Raul, Marcelo Nova, disse no programa ‘Por Toda a Minha Vida’, exibido na Rede Globo em 2009, que aquele foi o enterro que o Raul teria adorado apreciar se pudesse.

Os fatos que marcaram a vida e a carreira do músico, assim como a conjuntura social da época, são peças fundamentais para entender porque um ídolo que arrastou multidões, compôs mais de 400 músicas e vendeu milhões de discos, morreu sozinho, com um grave alcoolismo e, segundo o amigo Toninho Buda, dando a impressão de que já tinha feito tudo o que tinha que fazer. Será que Raul, assim como o Mozart retratado por Norbert Elias, simplesmente desistiu?

A música dos anos 60 foi densamente povoada por canções de protesto. Os festivais apresentavam artistas como Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que colecionavam fãs e vendiam discos com composições que denunciavam a opressão do regime militar. No fim da década de 60, ainda em meio a canções panfletárias, Raul Seixas iniciou sua carreira na música, desafiando não apenas a censura que via com maus olhos suas letras “moralmente questionáveis”, mas também a patrulha ideológica promovida por alguns setores da esquerda

brasileira, tendo sido por diversas vezes citado na coluna de Henfil, Cemitério dos Mortos-vivos, publicada no Pasquim. (TEIXEIRA,2008)

O fato é que Raul nunca se posicionou de um lado. Nem na questão política nem na filosófica. Fica claro por diversas vezes em suas músicas que a ditadura não lhe agradava, porém, como autêntico thelemista¹, além de desprezar qualquer forma de poder ou autoridade que restrinjam a soberania e a liberdade de cada um, Raul buscava um caminho individual, defendendo a autonomia em detrimento à hegemonia de uma coletividade massificada e despersonalizada (SANTOS, 2010). Seria, então, mais fundamental para a mudança do mundo, a atuação e a mudança individual do que grandes grupos de protesto.

Em uma provável crítica a quem cobrava uma posição, a música “Eu Sou Egoísta” traz nos últimos versos: “Se você acha o que eu digo facista/Mista, simplista ou anti-socialista/Eu admito você tá na pista/ Eu sou ista, eu sou ego/ Eu sou ista, eu sou ego/ Eu sou egoísta/ Por que não...”, com o verso final cantado no ritmo de “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso, um dos hinos contra a ditadura.

Raul não tinha uma solução para toda a humanidade, em suas palavras: “minha linha agora é o egoísmo, o raulseixismo. Tenho meus próprios valores, sou meu próprio país. Não sou melhor ou pior do que ninguém porque eu sou único” (SEIXAS, apud PASSOS, 2003). Mas isso não impediu que as canções fossem de protesto. Raul não era um panfletário político, ele era um panfletário social, dos costumes, das atitudes, dos preconceitos e das burrices da velha geração, ou como ele mesmo dizia: do Velho Aeon.

Dividi o trabalho em dois capítulos principais além do que trata dos aspectos metodológicos, subdivididos em assuntos menores, e buscando trabalhar o que julguei como principais aspectos para falar de e entender a vida de Raul Seixas.

¹ Lei de Thelema é uma doutrina do ocultista Aleister Crowley. Thelema é uma palavra grega que pode ser traduzida por vontade ou desejo, além de ter sua grafia próxima de theós, o divino, e de thélgo, “encantar magicamente”, três sentidos que se misturam na Lei. A máxima “Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei!” é mais que um bordão para a doutrina Thelemista, consiste na fórmula mágica do Novo Aeon (SANTOS, 2010)

No capítulo que trata da metodologia aproveito para explicar minha escolha pelo músico Raul Seixas, além de comentar eventos que aconteceram durante o processo de construção do trabalho e contribuíram para a elaboração do texto.

Escolhi começar falando da música, tema sempre presente na vida de Raul, desde criança. Começo contando a trajetória musical do artista, desde a primeira banda aos nove anos de idade, com instrumentos improvisados e a inspiração de Elvis Presley, passando pelos tempos de auge, marcados duramente pela censura da Ditadura Militar, e finalizando com o último disco, lançado apenas dois dias antes de sua morte.

Ainda no primeiro capítulo pincelei a história do rock, estilo principal e mais marcante de Raul Seixas, contando do surgimento do Rock n' Roll nos anos 50, suas influências e como se multiplicou em tantas possibilidades de tocar e cantar o que se pensa e sente.

Em seguida comento as principais inspirações musicais do personagem deste trabalho, e retiro dela o que Raul incorporava para criar o artista que era.

Fechando este capítulo, faço um resumo sobre a música popular brasileira na época da Ditadura Militar, os principais artistas e a censura que sofreram.

No capítulo seguinte tratei de contar a história de Raul Seixas, abrindo mão da parte artística, do personagem que se apresentava no palco, e focando no homem Raul Santos Seixas, filho, amigo, tantas vezes marido e pai. Seus anos de infância e adolescência na Bahia dos anos 40 e 50, os tantos relacionamentos. O careta que se transformou quando conheceu as drogas, que acreditou que conseguiria concretizar seus sonhos para mudar o mundo e se frustrou ao perceber que isso não seria possível.

Por fim isso tudo se junta, formando o desenho da configuração de Raul Seixas.

CAPÍTULO 1 – Considerações Metodológicas

Porque Raul Seixas?

Será que um dia poderei saber
Porque, pra que, pra que, porque
Porque, pra que”
“

(Porque, Pra que – Raulzito e os Panteras – 1968)

Minha escolha pela trajetória de Raul Seixas se dá, em grande parte, pelo comodismo e entusiasmo de fã. Considero ser muito mais fácil falar de algo ou alguém que já conhecemos. É claro que nesse caminho corri o risco de me deparar com algum fato novo e talvez perturbador, mas acredito que consegui me manter presa ao que eu tinha como certo, narrar os fatos e tirar conclusões do que era concreto, não me deixando levar por ideias preconcebidas ou simplesmente fanatismo.

Pesa também sobre esta escolha o fato de Raul ter sido um músico importante no cenário brasileiro dos anos 70/80, um período marcante da história do Brasil e que dá margem para uma análise de como o social afeta o artístico. Adorno, no primeiro volume de seu *Notas de Literatura*, diz:

A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela. [...] Conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às composições líricas, mas sim devem surgir da rigorosa intuição delas mesmas. (ADORNO, 2003.)

Para justificar minha intenção de fazer uma sociologia de Raul Seixas, me aproprio das palavras de Norbert Elias, quando o fez sobre Mozart:

Não é meu propósito destruir o gênio ou reduzi-lo a outra coisa qualquer, mas tornar sua situação humana mais fácil de entender, e talvez ajudar, de maneira modesta, a responder à pergunta do que se deveria ter feito para evitar que acontecesse um destino como o de Mozart. (ELIAS, 1995.)

Mais do que uma biografia, o que pretendo fazer é a análise de uma configuração construída em um universo reduzido, mas que possa se expandir a um nível macro. O meu estudo, assim como o de Norbert Elias, parte das características e dos ideais de um músico para analisá-las perante a sociedade em que se desenvolveram.

Desde o começo percebi o quão difícil era retratar a vida de uma pessoa morta. Apesar de existir muito material sobre Raul Seixas e muitas pessoas já terem tratado este material e transformado em pesquisas, abrangendo as mais diversas facetas de Raul, o que mais se encontra em tudo isso são contradições.

Raul Seixas era uma pessoa muito comunicativa, dava muitas entrevistas e deixou muita coisa escrita. Mas era também um contador de histórias. Um dos meus entrevistados, Sylvio Passos, amigo de últimos anos de vida de Raul, disse que muitas histórias do músico são invenções. Não todas e nem tudo, só pelo prazer de entreter o público com acontecimentos muito maiores do que os reais. Sylvio acredita que por trás de cada história de Raul existia uma mensagem, cabendo aos ouvintes e leitores, entendê-la. Citando dois fatos que Raul contava e ainda hoje geram incertezas, o exílio durante a Ditadura e o encontro com John Lennon, Passos diz:

Ele não foi mandado embora. Ele foi embora porque a coisa começou a apertar. O Paulo dançou e não sei o que... Então ele conta a história porque o Raul gostava de fantasiar. Mas eu entendo o por que... Primeiro que é uma característica do baiano, todos os baianos fantasiam pra cacete. A história do John Lennon eu acho que é uma fantasia. Mas eu explico essa fantasia. Quando ele fantasia, depende de quem tá ouvindo. O que ele quer dizer com aquela fantasia? "como é que eu vou passar uma mensagem? eu vou ter que inventar uma história pra poder mandar uma mensagem por trás disso". Então quando ele conta a história do John Lennon,

isso prende a atenção... O mais importante não é o encontro dele com o Lennon. O mais importante são essas coisinhas que estão sendo pinceladas ali, na cara de todo mundo e ninguém tá captando isso. (Sylvio Passos,2012)

Apesar da sensação que todo fã tem, de que seu ídolo morto ainda está presente e que o conhecemos como se fosse um amigo muito próximo, procurei unir minha versão da história com a de outras pessoas, que a enxergam por ângulos diferentes.

Desenvolvi o trabalho contando então com, basicamente, algumas fontes documentais de pesquisa. O Fã Clube Raul Rock Clube conta com vasto material em vídeo e áudio, grande parte disponibilizada livremente na Internet. São entrevistas, shows, depoimentos, videoclipes, coberturas televisivas de eventos. Existem também especiais de TV feitos sobre o Raul, curtas e montagens feitas por fãs.

Para o meu deleite, pude contar com o lançamento do tão aguardado, por mim e outros fãs, filme sobre a vida de Raul Seixas no ano de 2012, "Raul - O Início, o Fim e o Meio". O diretor Walter Carvalho passou muito tempo reunindo material sobre a vida de Raulzito, entrevistando figuras fundamentais em sua vida e compilando tudo de uma maneira brilhante, o que ajudou muito a entender algumas histórias contadas de forma fragmentada. Por fim acredito que assisti a mais de 24 horas de material em vídeo e ouvi, não contabilizando os discos, metade disso em áudio.

Me propus a missão de esgotar tudo o que já havia sido escrito e publicado sobre o Raul, de livros com entrevistas reunidas a trabalhos acadêmicos. Tive sorte, pois encontrei pessoas fantásticas que se dispuseram a me ajudar, emprestando material esgotado nas livrarias, mandando seus trabalhos por e-mail ou correio e sempre disponíveis para sanar qualquer dúvida que eu tivesse.

Foram textos bibliográficos, memorialistas, análise de discografia e coletâneas com entrevistas do próprio Raul Seixas, depoimentos de fãs e amigos,

além de um livro publicado ainda em vida, onde é transcrito o diário pessoal de Raul na infância e juventude.

Nos trabalhos acadêmicos foi possível encontrar ensaios e análises sobre suas diferentes contribuições, seja no plano filosófico, musical, místico, existencial ou libertário.

Para completar busquei as pessoas que, de fato, conheceram Raul Seixas. A maioria das pessoas que planejei entrevistar não era tão acessível quanto eu imaginava. Fiz contato com uma grande quantidade de pessoas, mas infelizmente obtive poucos retornos.

Em agosto de 2012 realizei uma entrevista com o já citado amigo de Raul, Sylvio Passos. Ele me atendeu em um restaurante de São Paulo, enquanto almoçava. Já havíamos trocado alguns e-mails e mensagens sobre o meu trabalho e as dúvidas que eu tinha, mas na entrevista foi possível, finalmente, resolver minhas inquietações e ouvir histórias fundamentais para o meu trabalho.

Na mesma semana acompanhei também uma coletiva do Sylvio Passos na livraria FNAC, onde estava sendo lançado o DVD do filme “Raul - O Início, o Fim e o Meio”. Não utilizo de forma literal as falas desta coletiva, já que foi impossível falar com todas as pessoas que fizeram perguntas ou levantaram questões, e não poderia me apropriar da entrevista como sendo minha. Mas sem dúvidas foi fundamental para a construção de algumas partes deste trabalho, já que também serviu como aprendizado para mim.

Também conversei com outras pessoas que foram próximas à Raul Seixas, infelizmente, ou não, de forma muito informal, o que me permite, também, me aproveitar somente do que aprendi na construção do meu texto. Essas pessoas foram os amigos Toninho Buda, Jay Vaquer e Edy Star, além de uma das ex-mulheres de Raul, Tânia Menna Barreto. Onde cito falas destes, conto com material já publicado que consultei.

Me frustrei muito ao perceber que não conseguiria falar com o músico e parceiro de últimos anos de carreira de Raul, Marcelo Nova. Fiz algumas tentativas por e-mail, mas não obtive resposta. O mesmo aconteceu com Paulo Coelho, apesar

de que eu já imaginava que seria muito difícil entrevistá-lo. Para estes e alguns outros, que eu nem sabia por onde começar a procurar mantive o mesmo recurso dos anteriores, entrevistas e depoimentos dados, já autorizados e publicados.

Outra experiência que tive durante a minha pesquisa foi participar da passeata em homenagem aos 23 anos de morte de Raul Seixas. Foi no dia 21 de agosto de 2012, em São Paulo. Foi divulgado pela imprensa que cerca cinco mil pessoas participaram do evento. Reunidos na porta do Teatro Municipal desde as primeiras horas da tarde, todos cantavam as músicas de Raul. Muitas pessoas foram fantasiadas como ele ou empunhavam bandeiras, faixas e símbolos, como o da sociedade alternativa. Uma caminhada pelo centro velho de São Paulo levou a multidão até a Praça da Sé, onde permaneceram reunidos nas escadarias da Catedral até a madrugada, se abraçando, muitos chorando e absolutamente todos cantando, como se fosse um show e o próprio Raul Seixas estivesse ali.

Neste dia pude conversar com algumas pessoas e ouvir o que tantas tinham a dizer sobre o ídolo e o sentimento pareceu ser um só, o de que Raul não morreu. E a cada ano conquista mais fãs e se perpetua pelas gerações, o que ficou provado pela variedade de faixas etárias presentes, de senhores a criancinhas de colo.

Minha pesquisa foi extensa, e ainda não conto as madrugadas que passei ouvindo os discos de Raul Seixas, sempre percebendo algo novo nas músicas, nem as quatro vezes em que assisti o filme no cinema e aproveitei para conversar com quem também estava na sessão.

Minha pesquisa sobre a música além do universo do Raul contou com várias das publicações disponíveis sobre o assunto mas, principalmente com a ajuda do meu irmão e da Internet, que se mostrou um campo muito fértil para tratar da história do rock, já que reuniu as informações que eu precisava, de maneira clara e bem explicada.

Depois de todas essas etapas acredito que foi possível contar a história de Raul e responder a algumas perguntas.

Parti, então, das seguintes questões: Como pode ser descrita a configuração em que o artista surgiu e viveu? De que forma esta configuração influenciou o

comportamento e as composições de Raul Seixas? É possível perceber nos discos e músicas esse reflexo?

Do seu jeito, o próprio Raul já pode ter respondido estas perguntas. Entre outras vezes em que falou do assunto, cito uma entrevista para uma rádio da cidade de Joaçaba/SC, e quando perguntado sobre quem eram os artistas jovens de real valor da época (1976), o cantor respondeu:

A arte é o espelho social de uma época. O que um cantor faz, reflete o momento social em que ele está vivendo. Se é um momento de Plin, se é um momento de plan, ele tá plin, se não tá plan ele plan, você tá entendendo? Então ele projeta aquele momento, tudo que ele vomita, sabe? Não é vomitar no sentido da palavra, é um vomitar bonito, vomitar surrealista, bem daliniano, de Salvador Dalí, aquele vomitar! Então, essa coisa que ele fala, ele projeta um espelho social de uma época, que é o momento social que nós estamos vivendo. Então, sei lá rapaz, acho que todo mundo está vivendo a mesma época, todo mundo é importante. Eu não vou citar nomes, mas todo mundo que está tocando no rádio é importante, porque cada um está espelhando uma época e está dizendo o que está vivendo pra determinado grupo de pessoas que estão aceitando aquilo que ele tá dizendo, senão ele não estaria ali. Não tem meio termo, ou sim ou não, o sucesso é a tua prova. (SEIXAS, 1976)

CAPÍTULO 2 – A música

O estudo sociológico da música encontra muitos problemas para se desenvolver, começando por entender do que se fala quando se fala de música. Qualquer dicionário poderia dar essa definição, mas para a sociologia não basta este tipo de conceituação. Campos (2007) traz uma definição de música que acredita ser suficiente para evitar as definições mais recorrentes:

Musica seria um conjunto organizado de sons em movimento, articulado em moldes não exclusivamente decorrentes de idiomas linguísticos, produzido e percebido como intencional, o que significa que a música é sempre um artefacto e nunca resultado do acaso (não há música natural nem puramente aleatória); que a música é produto de uma actividade projectiva, mais ou menos consciente, e que compreende uma dimensão comunicacional em que a actividade projectiva é, pelo menos, percebida como tal por eventuais receptores; e ainda que, a ser assim, a música pressupõe um conjunto de convencões que permite algum nível de interpretação comum, podendo dizer-se que o conjunto de convencões que tornam o projecto comunicável constitui um sistema musical e que as qualidades que se atribuem a música estão relacionadas com a construção e as interpretações desse projecto. (CAMPOS, 2007)

A história da música se confunde com a história do desenvolvimento cultural humano. Há indícios de que existe desde a pré-história, quando os sons da natureza inspiraram os homens a criarem seus próprios sons.

Para muitas culturas a música está diretamente ligada à vida das pessoas e, embora nem sempre tenha o mesmo fim, de forma que em qualquer cultura as pessoas associam sons a certos significados sociais e é inevitável que exista algum tipo de prática social que possa ser chamada de música. (CAMPOS, 2007)

José Ramos Tinhorão (1998) diz que a história da música popular urbana brasileira indica como, em uma sociedade diversificada como a do Brasil, o que se chama “cultura” é a reunião de várias culturas correspondentes à realidade de cada camada em que a sociedade se divide.

Normalmente essa cultura se divide, entretanto, em apenas duas classes: A cultura das elites detentoras do poder político-econômico e das diretrizes para os meios de comunicação - a cultura do dominador - e a cultura das camadas mais baixas nas áreas urbanas e da área rural, que é a cultura do dominado. No Brasil percebe-se que a cultura dominada sofre uma dupla dominação, já que mesmo a cultura dominante é dominada também por uma cultura internacional, que dita as características para a elite.

Para as pessoas que vivem da música ela geralmente representa mais que uma fonte de renda. Existe uma relação afetiva, a música muitas vezes funciona como um conforto ou meio para extravasar as inquietações e frustrações.

A música fez parte da vida de Raul Seixas desde a infância, quando ouvia boleros e baião, começou a tocar sozinho seu violão e logo se apaixonou pelo rock norte americano. Fez da música sua forma de ganhar a vida e de contar a vida.

2.1 A música de Raul Seixas

Raul Seixas chamava sua geração de “geração sandwich”, o pós-guerra havia colocado os jovens em uma posição entre os valores rígidos dos pais e a inconseqüência dos surfistas (ABONIZIO, 2008).

Quando sua família se muda e Raul passa a ter contato com os filhos dos americanos que trabalham em Salvador, ele conhece o fenômeno musical chamado rock. O rock caipira e o som do blues dos negros sulistas chegavam nos discos emprestados de Elvis Presley, Little Richard, Fats Domino, Jerry Lee Lewis, Bo Didley e Chuck Berry.

Foi nesse contato que eu mergulhei no rock n' roll, como quem acha o caminho, aquele sonho maluco de ser cantor. O rock passou a ser todo um modo de ser, de agir, pensar. Eu era o próprio James Dean, o 'rebel without a cause'. Era o Elvis Presley quando andava e

penteava o topete. E era alvo de risos e gracinhas, claro. Eu tinha assumido uma maneira de vestir, falar, agir, que ninguém conhecia. Lá na Bahia eu estava a frente de todos em matéria do que estava acontecendo no mundo com relação à música. Claro que eu não tinha consciência da mudança social que o rock implicava. Eu achava que os jovens iam dominar o mundo... (SEIXAS in PASSOS, 2003)

Os jovens americanos tinham o rock como uma expressão de oposição em um país tão culturalmente dividido, onde brancos não cantavam música de negros, então, nos anos 50 os jovens de classes média e alta passam a aceitar a música, as roupas e o comportamento das classes mais baixas.

Raul canalizou sua rebeldia, não para as questões políticas, como era comum, mas para o conflito de gerações. Os jovens dos anos 60 se preocupavam muito em ser claramente diferentes de seus pais. Sylvio Passos cita na conversa que teve comigo que era muito comum ouvir de Raul e seus amigos que os jovens batiam nos pais.

O momento que o Raul viveu, não é só o auge da carreira dele, não é só aquele momento em que ele estava nos microfones gritando "viva a sociedade alternativa" e questionando relacionamentos entre homem e mulher. Já começa lá quando ele era garoto. Ele pegou um movimento, que eu acho que é o movimento mais importante que aconteceu, tirando a Internet... Que mexe com o comportamento das pessoas, com a maneira de enxergar o mundo, com a maneira de se relacionar. Tudo isso vai meio que num caldeirão. Que é o nascimento do Rock n' roll. O mundo até então tinha um padrão de comportamento, a sociedade, o papai, o filhinho, a família constituída, os filhos eram o reflexo exato do que o pai era, do que a mãe era, do que os tios eram. No modo de falar, no modo de se vestir. E quando surge o rock n' roll o que acontece... Essa molecada - o próprio Raul defende essa tese também - que a partir daquele momento começou a haver uma mudança, onde o rock n' roll chegava ele mudava o comportamento das pessoas. (Sylvio Passos, 2012)

No Brasil, a Bossa Nova também foi criação dessa fatia da sociedade que começava a se firmar como categoria: Os jovens. Era a primeira vez em que eles se

colocavam como uma parte da sociedade, com um espaço próprio, e não apenas uma cópia dos pais.

A turma de amigos de Raul se forma com amantes daquele novo ritmo, Thildo Gama, Edy Star, Mariano, Carleba, David, Eládio, todos com a gola da camisa levantada, jaquetas de couro, ensaiando os trejeitos dos roqueiros e acreditando que o mundo iria mudar.

Da amizade de Raul com Valdir Serrão nasce o Elvis Rock Clube, segundo eles, o primeiro fã clube de rock da Brasil. No cômodo onde funcionava a sede do clube se reunia a juventude transviada de Salvador, geralmente vinda de classes mais baixas.



**Valdir Serrão e Raul Seixas
1957**



Carteira de membro do Elvis Rock Club

Bizz: E quando você começou a tocar?

Raul - Eu já tocava profissionalmente aos dez anos, nos Relâmpagos do Rock... Eu tinha um amplificador que era um rádio de válvula do meu avô, adaptado pelo meu pai. O fio era curto e a gente tinha de ficar preso ao rádio. Isso em 54, 55, ninguém sabia o que era rock. Eu tocava e me atirava no chão, imitando o Little Richard, como eu via nos filmes que os americanos passavam. E sempre notava que

as primeiras filas ficavam vazias. É que as mães pensavam que eu era epilético, com meu topete de brilhantina e camisa aberta com gola levantada. Tocamos assim até 66, quando fui gravar Raulzito e Seus Panteras. É um disco tão bonito... eu tinha voz de tenorino.

Bizz: Como era o Rock baiano na época?

Raul - Eram poucos os conjuntos... The Gentlemen, Os Ninos, onde tocava o Pepeu. Até dei uns cascudos nele por roubar meus acordes (risos). Mas o pessoal que vinha do Rio ouvia falar de um grupo baiano que mais entendia de rock'n'roll. Assim, acompanhamos todo mundo da Jovem Guarda (eles viajavam sozinhos): Ed Wilson, Roberto Carlos, Wanderléa, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso. Mas gostava era dos Jet Blacks, que assim meio Ventures. (PASSOS (org), 2003)

O rock já era um estilo muito tecnológico, que necessitava de aparelhagem eletrônica, e na Bahia estes recursos não eram fáceis de se conseguir, o que dificultava muito ter uma carreira de sucesso. No começo, Raul e o amigo Mariano, construíram uma guitarra elétrica usando um violão e um rádio antigo como amplificador. O fio curto não permitia grandes shows, era necessário tocar sentados no rádio.

Durante os anos 60, ainda adolescente, Raulzito se dedicou a profissionalizar a banda, investindo em instrumentos e composições. O rock ainda não tinha temáticas sociais, Raul e seus amigos acreditavam que dominariam o mundo através de uma mudança de comportamento, a música tinha mais a ver com atitude, ritmo, libertação do corpo e à percepção da modernidade.

Já em 1962 o grupo Relâmpagos do Rock é criado com aparelhagem completa e em poucos anos muda de nome, sendo The Panthers, Os Panteras e, por ultimo, Raulzito e seus Panteras. O grupo se apresentava em shows para jovens de classes baixas e o rock ainda era mal visto pela sociedade baiana, as mães tinham medo de deixar seus filhos assistirem às apresentações, e as famílias dos músicos não os apoiavam.



Relâmpagos do Rock Décio Gama, Raul Seixas e Thildo Gama

BIZZ - Como era tocar rock nos anos 50?

Raul - A bossa nova surgiu junto com o cha-cha-cha, e o rock'n'roll, junto com uma influência do calipso. Era chique tocar bossa nova e o cha-cha-cha até que era permitido. O rock era outra história: eu tinha que ir até o clube das empregadas para dançar com elas. A empregada lá de casa era minha fã. Chegou uma vez para a minha mãe e disse que tinha dançado comigo. Minha mãe quase morreu... E eu ia dançar também com o pessoal da TR, uma transportadora de lixo. Era a moçada que curti rock. A bossa nova era com o pessoal do Teatro Vila Velha. Na sociedade não se falava em rock, era coisa de empregada

BIZZ- Você era marginalizado por isso?

Raul - Se era. Eu frequentava late e o Tênis, que eram os clubes mais metidos a besta de Salvador. Chegava de camisa vermelha, com gola levantada, e ficava encostado num canto tomando cubalibre enquanto os outros dançavam. Mas não me importava, achava ótimo, importante, tipo "tô revolucionando tudo". (PASSOS (org), 2003)

No Brasil o rock era feito basicamente de versões de músicas estrangeiras, e os principais artistas eram os cantores da Jovem Guarda. Eles adotavam o estilo dos americanos, mas em pouco tempo perceberam que para se manter no mercado musical, precisariam fazer suas próprias músicas. Eram rebeldes como os ídolos roqueiros internacionais, mas se "integravam ao sistema".

A turma de Raul Seixas se divide ao comentar a aproximação que tinham com a Jovem Guarda. Enquanto Edy Star diz que todos ali faziam parte da Jovem guarda, o pantera Eládio afirma que eles não gostavam muito do grupo, com algumas exceções. (ABONIZIO, 2008)

O rock dos Panteras já tinha inovações que a Jovem Guarda ainda não tinha incorporado. Como eram muito mais próximos da contracultura norte americana, tendiam a universalizar as músicas, não se importando em seguir um padrão nacionalista ou entreguista. Faziam junções de rock e baião, ou música clássica. A formação e gosto dos músicos também permitiam que tivessem um repertório muito mais extenso, com vários estilos musicais reunidos.

Raul passa a se preocupar mais com as letras das músicas e as mensagens a serem passadas quando conhece os Beatles.

Foram os Beatles que me deram a porrada. Foi quando os Beatles chegaram e passaram a cantar as próprias coisas deles que eu vi, poxa, esses caras estão cantando realmente a vida, estão dizendo que há pelo mundo, o que pensam. Então eu posso fazer a mesma coisa, dizer exatamente o que penso em minhas músicas. Foi quando eu comecei a compor, juntando tudo no meu caderninho. (PASSOS e BUDA, 2000)

Enquanto os Panteras atingiam o auge do seu sucesso, em 1964, começava a ditadura militar. A banda, apesar de já estar se mostrando como sendo de uma vertente mais crítica do rock, não se posicionou politicamente. O distanciamento da escola contribuiu para essa falta de envolvimento, uma vez que as manifestações se davam em grande parte dentro dos movimentos estudantis.

O grupo era convidado a se apresentar na TV e no rádio, Era um dos grupos mais caros da Bahia, embora muitas vezes não recebessem o valor combinado pelo cachê. Tocavam com os artistas mais famosos da Jovem Guarda, como Roberto Carlos e Jerry Adriani. Quando este os convida para ser sua banda de apoio em uma turnê no Rio de Janeiro é lançado o LP Raulzito e os Panteras pela ODEON.



Raulzito e os Panteras
Eládio, Carleba, Roberto Carlos, Mariano e Raul Seixas

A banda, no entanto, não consegue ainda se mostrar inovadora como realmente era. Apesar de ser o primeiro grupo de rock do Brasil a gravar com uma orquestra, muitas músicas foram cortadas pela gravadora para que se mantivesse o padrão comercial da época.

O disco com letras que falavam de um amor meloso, com uma malícia inocente, e canções muito mais suaves do que as que a Jovem Guarda tocava, foi um fracasso na época. A vendagem sequer era divulgada pela gravadora e as rádios não tocavam as músicas. Nas próximas décadas, no entanto, seria disputado e vendido a peso de ouro.

A canção deste disco que ficou mais conhecida foi “Você Ainda Pode Sonhar”, versão de “Lucy in the Sky with Diamonds”, dos Beatles. Raul dizia que era

um de seus discos mais bonitos, já que, com exceção de uma faixa (“Por que? Pra que?”), falava apenas de temas românticos.

Apesar de terem acompanhado Jerry Adriani como banda de apoio, os Panteras não conseguem ter sucesso sozinhos. Um dos integrantes, Eládio, disse que eles eram bons e inovadores na Bahia, mas no Rio de Janeiro já existiam muitos grupos bons e ligados a tudo de novo que surgia no mundo da música. Assim todos voltaram à Salvador e em pouco tempo o grupo acabou. (ABONÍZIO, 2008)

Em 1970 Raul conhece o presidente da gravadora CBS (hoje Sony Music), Evandro Ribeiro, que o convida para voltar ao Rio de Janeiro e trabalhar como produtor. Lá ele produzia os artistas e compunha canções do chamado “iê iê iê romântico”, que era a linha da gravadora. Seixas produziu muitos artistas da Jovem Guarda e compôs cerca de oitenta músicas. Como podia escolher artistas novos para produzir, convidou o amigo de infância, o cantor Edy Star para ir ao Rio de Janeiro.

Aproveitando uma viagem do presidente da CBS, Raul, Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star planejam e gravam o disco “Sociedade da Grã Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez”, produzido por Mauro Mota.



Raul, Miriam Batucada, Sérgio Sampaio e Edy Star

A ideia era fazer um disco parecido com Sgt Peppers, dos Beatles, apenas com cantores desconhecidos. Não existia sociedade nenhuma, o título do disco era só uma brincadeira. As músicas não foram feitas com a intenção de passar alguma mensagem, Edy conta que algumas nem faziam sentido, eram apenas a união de várias palavras complicadas que eles haviam buscado no dicionário. A censura vetou muitas músicas que tinham sido compostas para o disco, algumas vezes por não entender o que elas queriam dizer. (ABONÍZIO, 2008)

Quando Evandro Ribeiro retorna de viagem Raul é questionado sobre querer ser cantor ou produtor e acaba demitido. Os discos somem das lojas. Raul sempre dizia que tinham sido recolhidos, mas Edy Star acredita que apenas foram devolvidos, já que não existiu divulgação e a vendagem foi muito pequena. Anos mais tarde este LP também é relançado.

Raul só retoma sua carreira como cantor em 1972, no Festival Internacional da Canção, onde participou com duas músicas, “Let me Sing, Let me Sing” e “Eu sou eu, Nicuri é o Diabo”.

Eu nunca liguei muito pra festival, isto é, eu não gostava muito da coisa, mas Sérgio colocou uma música e me deu vontade de entrar no fogo. Sei lá porque escolhi Let me Sing, Let me Sing, porque era um rock e porque não sei o que mais lá que os jornais falavam... Eu sou eu, Nicuri é o Diabo é uma cucaracha, eu vejo assim. Essa letra, não sei porque, me lembra muito o estilo de Caetano ou Gil, sei lá como esta ideia me apareceu na cabeça (PASSOS (org), 2003)

Tendo agradado ao público, Raul lança seu primeiro compacto, “Krig-Ha, Bandolo”, que vendeu milhares de cópias. Já não existe mais Raulzito. Raul Seixas agora manda mensagens em suas músicas, fala indiretamente de política e da sociedade. Raul já tinha 18 músicas censuradas e o LP foi lançado com 10 músicas compostas em parceria com o escritor Paulo Coelho. Nas letras o misticismo e o ocultismo, assuntos de interesse dos dois, eram também vastamente explorados.



Raul Seixas e Paulo Coelho – 1973

O nome do disco faz referência ao grito de guerra do Tarzan, que significa “cuidado, aí vem o inimigo”. A capa preta traz Raul muito magro e barbudo, sem camisa, olhos fechados e braços abertos, lembrando a imagem de Jesus na cruz, ou como se preparasse um ataque. Em uma das mãos o cantor tem um símbolo desenhado, uma chave, que apareceria também em quase todos os seus discos, é o símbolo da Sociedade Alternativa.

Os anos 70 representam um momento conturbado da história brasileira. O decreto do Ato Institucional número 5, em 1968, mostrou para a sociedade a face mais dura do então vigente governo militar, o congresso foi fechado e a repressão e a censura aumentaram. Entre 1970 e 1973 o Brasil experimentou uma fase conhecida como O Milagre Econômico. O Pró-álcool aparecia como solução para crise energética, as imensas construções, como Itaipu e a Transamazônica, davam emprego para a população pobre e os diversos empréstimos com o FMI propiciavam um avanço econômico que trazia uma sensação de euforia para parte da população. Soma-se a isso a conquista da Copa do Mundo de 70 e o título da Formula 1 de Emerson Fittipaldi (REZENDE, 2010).

Para Raul Seixas, no entanto, esse momento expunha a apatia e o conformismo da classe média brasileira, que abria mão da realização real para comprar bugigangas. Uma das músicas mais conhecidas do disco lançado em 73 é

“Ouro de Tolo”. Uma referência à pirita, um mineral de pouco valor que muitas vezes engana por ser muito parecida com o ouro. Basicamente, a letra parece transmitir a insatisfação do cantor com a contradição da vida de consumo do brasileiro, uma população sem liberdade, sem direitos de cidadania, mas que podia se satisfazer comprando a casa própria ou o carro do ano. (SANTOS, 2010)

Raul se firmava como cantor do que ele chamava de “iê iê iê realista”, indo contra o que ele tanto tinha visto como produtor dos nomes mais famosos da MPB. Na música “As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor”, o cantor diz não ter nada a ver com a linha evolutiva da música popular brasileira, e ainda diz não conseguir mais entender onde se posicionavam os que antes eram revolucionários.

No ano seguinte foi lançado o LP “Gita”, título inspirado em um dos livros da obra hindu Mahabarata, o Bhagavad-Gita. Junto com os versos sagrados do hinduísmo, Raul Seixas e Paulo Coelho cantaram o Livro da Lei, do filósofo ocultista Aleister Crowley. E assim nascia a ideia da Sociedade Alternativa, com sede alugada, papéis timbrados e o boato de que teriam comprado um terreno em Minas Gerais para construir uma cidade onde a única lei era “Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei”. Segundo Toninho Buda (1992) a Sociedade Alternativa foi fundada em setembro de 1973 e apresentada ao mundo no Congresso Internacional de Sociedades Alternativas, em janeiro de 1974.

Essa ideia não foi muito bem recebida pelo governo da ditadura, Raul e Paulo Coelho teriam então sido presos e deportados para os Estados Unidos. Lá Raul dizia ter se encontrado com o próprio John Lennon, e que durante três dias trocaram informações e fizeram planos para a concretização da Sociedade Alternativa.



Raul nos Estados Unidos

Quando voltou ao Brasil, “Gita” tinha estourado, dando a Raul seu primeiro disco de ouro, com mais de 600 mil cópias e com o sucesso veio o reconhecimento da mídia, Raul se apresenta nos programas mais populares da televisão e junto com Paulo Coelho compõe a trilha sonora de uma novela da Rede Globo, “O Rebu”.

Em 1975 é lançado o disco “Novo Aeon”, com participação do Pantera Eládio, Paulo Coelho e de Marcelo Motta².O disco, no entanto, não tem tanto sucesso quanto o anterior, desagradando a gravadora Philips. Algumas análises da época dizem que Raul estava muito envolvido com as questões místicas e com a ideia de sociedade alternativa, e que por isso não teria se empenhado tanto em divulgar o disco.

Em 1976, porém, é lançado o disco “Eu Nasci Há Dez Mil Anos” Atrás, diretamente para as paradas de sucesso, o que garantiu a continuidade do contrato com a gravadora por mais um tempo. Raul dizia que este álbum foi composto para

² Marcelo Ramos Motta (27/07/1931 – 26/08/1987) foi o primeiro escritor thelêmico brasileiro, membro da Astrum Argentum (ordem ocultista fundada por Aleister Crowley e George Cecil Jones em 1907. Dedicada-se à evolução espiritual utilizando a Lei de Thelema) e fundador da Sociedade Ordo Templi Orientis (O.T.O), organização ocultista inspirada na maçonaria.

entrar para a história, principalmente depois da desconfiança dos produtores com o fracasso de Novo Aeon. Foi o último álbum em parceria com Paulo Coelho.

“O Dia em Que a Terra Parou” sai em 1977, por uma gravadora pequena e não agrada aos críticos, apesar de ainda fazer grande sucesso com os fãs. Neste disco Raul tem um novo parceiro, Cláudio Roberto, e uma música que chama a atenção é “Eu Também vou Reclamar”, onde Raul “cutuca” alguns artistas que eram sucesso na época, como Silvio Brito, quando diz: “Ligo o rádio e ouço um chato,/ que me grita nos ouvidos/ Pare o mundo que eu quero descer”, e Belchior com as músicas de protesto, que tinham virado moda, com todo mundo reclamando de alguma coisa (ABONIZIO, 2008). Os maiores sucessos do LP são a faixa título e “Maluco Beleza”.



Cláudio Roberto e Raul Seixas

Entre 1971 e 1977 os cinco discos lançados por Raul Seixas tiveram diversas canções censuradas. Desde a década de 30 o Brasil já possuía um departamento responsável pelo controle dos órgãos de imprensa e difusão cultural. Quando os militares tomaram o poder em 64, a legislação foi adaptada de acordo com as leis do Estado Novo. Em 1973 a Divisão de Censura de Diversões Públicas

(DCDP) foi oficialmente instalada, primeiramente em Brasília e mais tarde também no Rio de Janeiro.

Todas as composições que pretendiam ser divulgadas deveriam ser submetidas ao julgamento dos censores. As gravadoras tinham advogados que trabalhavam intermediando as liberações junto ao DCDP. Como os departamentos haviam sido montados de forma improvisada, muitos censores não estavam preparados para analisar as músicas e acabavam censurando letras por não conseguir entender duplos sentidos ou referências presentes, assim como liberavam canções que conseguiam camuflar as críticas e protestos.

Além da censura por mensagens políticas ou subversivas, o veto também recaía sobre letras que fossem consideradas moralmente negativas, ou por conter uma linguagem inapropriada, por fazerem alusão à sexualidade ou ao uso de drogas. Muitas músicas de Raul Seixas foram censuradas por conteúdo imoral, por exemplo a canção “Não me Pergunte Porque” que, segundo parecer do DCDP tratava pejorativamente a religião budista (ao compará-la a marcas de cerveja) e o Papa, ou “A Verdade Sobre a Nostalgia” que foi barrada por utilizar a palavra “desbundou”. No entanto, a música “A Maçã” tida por muitos como um hino ao amor livre, foi liberada sem restrições. (TEIXEIRA, 2008).

Somente em 1979 surge um Conselho Superior de Censura, formado por organizações não governamentais e instituições da sociedade civil, responsável por julgar os recursos das gravadoras, abrandando a atuação dos censores do DCDP. Isso, no entanto, não significou o fim da perseguição aos artistas.

O fim da censura só começa em 1987, já no governo Sarney, e se extingue por completo em 5 de outubro de 1988 com a promulgação da Constituição.

Seguem os discos “Mata Virgem” (1978), onde é retomada a parceria com Paulo Coelho em algumas músicas, e “Por Quem os Sinos dobram” (1979). Os dois discos não tiveram muita divulgação e não alcançaram tanto sucesso. Começava uma fase ruim na carreira de Raul Seixas.

Em 1980 um novo contrato com a CBS é assinado, é lançado o disco *Abre-te Sésamo*, e o primeiro fã clube oficial, criado por Sylvio Passos. É um ano de mudanças na vida pessoal e profissional do cantor. O contrato com a gravadora é rompido ainda no mesmo ano, já que Raul se recusou a gravar um disco sobre a Princesa Diana.

Não sei o que é que eu fui fazer lá. Foi na época em que o Roberto Carlos estava lançando o LP dele. E gravei um disco ótimo, o *Abre-te Sésamo*. Eles não fizeram nada com o disco. Chegaram ao cúmulo de me pedir pra escrever uma música sobre a Lady Di. Aí estourei, poxa. (Passos (org), 2003)

Mesmo sem gravadora os shows reuniam mais de 150 mil pessoas. Mas apesar disso Raul continuava insatisfeito com a carreira, dizia que os anos 80 eram um caos e o rock que existia era fresco, procurar raízes era uma bobagem e música de protesto já era. Aqueles anos eram, como tratados em uma das músicas de *“Abre-te Sésamo”*, uma “charrete que perdeu o condutor” (ABONÍZIO, 1999)

Diversas gravadoras recusaram contratar Raul graças a sua má fama como artista e os discos que não vendiam mais tão bem. E é nesse momento que os amigos e a família afirmam que o cantor entrou em depressão.

O LP *“Raul Seixas”* é lançado com a ajuda de amigos em 1983, assim como um livro com anotações de diários de Raul desde a infância, o *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*. Em entrevistas da época o cantor diz que se permitiu fazer uma reciclagem por dois anos antes de voltar a gravar. Nesse disco está música a *“Carimbador Maluco”*, composta para um especial infantil da Rede Globo, que rende a Raul seu segundo disco de ouro. A princípio pode parecer uma música inocente, mas faz referência direta ao anarquista Proudhon. Segundo o próprio Raul “um pouquinho de coisa anárquica pra fazer a cabeça das crianças”. O verso “Tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado se quiser voar” foi inspirado pelo trecho do livro *“O Que é Propriedade”*:

Ser governado é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legisferado, regulamentado, depositado, doutrinado, instituído, controlado, avaliado, apreciado, censurado, comandado por outros que não tem nem o título, nem a ciência, nem a virtude... Ser governado é em cada operação, em cada transação, em cada movimento, notado, registrado, arrolado, tarifado, timbrado, medido, taxado, patenteado, licenciado, autorizado, apostilado, admoestado, estorvado, emendado, endireitado, corrigido... (PROUDHON, 2001)

Em 1984, graças ao sucesso do disco anterior, um contrato com a Som Livre é assinado e um único disco é lançado, o “Metrô Linha 743”. Este disco se mostra um dos mais importantes para o meu trabalho, já que marca um momento crucial da vida de Raul e pode muito bem ser interpretado como um disco de despedida. As letras parecem reflexões da vida do compositor, como em “Um Messias Indeciso” que fala de um homem comum que foi chamado de deus e questionado sobre o segredo da vida, mas resolveu fugir para a floresta onde ouviu de si mesmo que deveria seguir seu próprio caminho, encerrando com a frase: “E aquela voz foi ouvida por sobre morros e vales, ante ao messias de fato que jamais quis ser adorado”.

A faixa título do disco fala do valor que se dá à “cabeça de gente que pensa”, que pode ser entendida como uma referência ao que os artistas passavam na ditadura.

O próximo disco, “Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!” só consegue ser finalizado 3 anos mais tarde. Nesse momento Raul já dava declarações que, muitas vezes, me soam como despedidas definitivas. Ele queria deixar um disco de rock para os jovens, para que eles não deixassem o rock morrer. “É um disco de rock n’ roll, não de róqui, mas sim rock n’ roll que eu dedico a essa moçada que está aí de guitarras na mão meio perdida, mas buscando uma linguagem, suas raízes.”. (SEIXAS, 1996)

A música “Cowboy Fora da Lei”, deste disco de 1987, dá o terceiro disco de ouro a Raul, após fazer parte da trilha da novela “Brega e Chique” da Rede Globo.

No ano seguinte Raul grava o disco “A Pedra do Gênesis”, voltando com a ideia da Sociedade Alternativa, mas garantindo que não queria mais “andar na contramão”. Em diversas entrevistas ele diz que não quer mais compor músicas polêmicas e desordeiras, seu papo agora era paz. Mas, no mesmo ano, em uma tentativa de curar a depressão e o “tédio” de Raul, o músico do Camisa de Vênus, Marcelo Nova, o convida para gravar o que seria seu último disco, “Panela do Diabo”.



Marcelo Nova e Raul Seixas

Os músicos fizeram 50 shows juntos, tocando as músicas do disco e os antigos sucessos de Raul, além de se apresentarem em programas de sucesso. Raul no entanto não tem tempo de colher os frutos do sucesso do disco, que é lançado apenas dois dias antes da sua morte.

2.2 – O Rock

“Eu, Raul Santos Seixas, nascido a 28 de junho de 1945, na cidade de Salvador, estado da Bahia, fui influenciado pela subcultura do Rock n’ Roll em 1957, formando o primeiro conjunto de rock, com aparelhos elétricos em Salvador.” (PASSOS (org), 2003)

O Rock é um estilo de música popular, nascido nos anos 50. Suas origens remontam do Rock N’ Roll, o que pode parecer estranho, já que muitas vezes os dois estilos são confundidos.

O Rock N’ Roll surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 40, embora possam ser ouvidas gravações com elementos muito próximos já nas décadas de 20 e 30. Suas origens se dão pela combinação de vários gêneros musicais, predominantemente afro-americanos, como o Gospel, o Folk, o Blues e o Boogie Woogie, juntamente com o Country e o Jazz.

Não se tem muito consenso sobre qual seria a primeira gravação do Rock N’ Roll, mas o mais provável é que tenha sido “Rocket 88”, do saxofonista Jackie Brenston, juntamente com a banda de Ike Turner, The Kings of Rhythm, em 1951. Quatro anos depois, em 1955, a primeira canção de Rock N’ Roll chegou ao topo das paradas da revista Billboard e abriu caminho mundialmente para o novo ritmo, era “Rock Around the Clock” de Bill Haley.

Uma das primeiras variações do Rock N’ Roll teria surgido com a gravação do primeiro single de Elvis Presley, “That’s All Right (Mama)”, em 1954. Estava criado o estilo Rockabilly.

Outros artistas que lançaram os primeiros sucessos do Rock N’ Roll foram Chuck Berry, Bo Diddley, Fats Domino, Little Richard, Jerry Lee Lewis e Gene Vincent.

O Rock N’ Roll teve efeitos sociais no mundo todo. Muito mais que um estilo musical, o Rock N’ Roll se tornou um estilo de vida, moda, comportamento, atitudes e linguagem. Muitos historiadores acreditam que o novo gênero musical foi fundamental na causa do movimento dos direitos civis nos EUA, uma vez que tanto jovens brancos quanto negros apreciavam a música e faziam sucesso com ela.

A tradicional sociedade norte-americana era contestada pelos jovens, em meio a debates entre capitalismo e comunismo, a valorização do consumismo, a modernização gerada no pós guerra, muitas vezes eram rotulados de rebeldes sem causa. O Rock N' Roll foi o ritmo que apresentou as ideias contestatórias destes jovens, sua insatisfação com o sistema cultural, educacional e político.

À partir do anos 60 o Rock N' Roll se divide em diversos novos estilos, com características parecidas, mas com uma liberdade muito maior, que passou a ser chamado só de Rock.

O Rockabilly de Elvis e Bill Haley, influenciou o Surf Music de Dick Dale e The Beach Boys.

Nos Estados Unidos a gravadora Motown lança diversos sucessos, emplacando mais de 100 músicas nas listas das mais tocadas da década de 60. Artistas como Stevie Wonder, Marvin Gaye e The Jackson 5 fazem parte do Rock and Roll Hall of Fame, juntamente com os artistas que deram início ao Rock.

O Folk Rock também se fez presente. Movimento que surgiu e cresceu no fim dos anos 60 e começo dos anos 70, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. Um dos principais nomes deste estilo é Bob Dylan, que começou a carreira cantando músicas de Elvis e Little Richard, e sempre manteve fortes ligações com o Jazz, o Blues, o Country e o Gospel. É um exemplo também de artista que usou a música para falar de política, comportamento, sociedade e filosofia.

Na mesma época, na Inglaterra, surgiam os representantes do Rock Britânico. Músicos formavam suas bandas inspiradas nos artistas americanos. Nos primeiros anos da década de 60 o mundo conheceu duas bandas inglesas, ícones do Rock, The Beatles e The Rolling Stones. Até o fim da década já eram mundialmente conhecidos, entre outras bandas, o Animals, The Who, Led Zeppelin, Deep Purple, The Zombies.

Da metade dos anos 60 até o fim dos 70, muitos estilos são lançados. Na Inglaterra e nos Estados Unidos despontam para o mundo bandas como o Black Sabbath, Aerosmith, Judas Priest, Van Halen e Steppenwolf, e ainda o Rush no Canadá e o Scorpions na Alemanha, com o Heavy Metal. As principais

características deste estilo são as guitarras distorcidas, baixo e bateria densos, e os vocais vigorosos. Embora seja um estilo com fãs majoritariamente jovens, brancos, do sexo masculino e da classe média trabalhadora, a cultura do Heavy Metal é tolerante com outros grupos. Os artistas, no entanto, tem um tipo de código de conduta, que prega a total dedicação e lealdade à música, o desinteresse pelo apelo popular e por emplacar hits, e uma oposição clara à autoridade estabelecida pela sociedade. Este estilo continuou se desenvolvendo nos anos 80, com bandas como o Metallica e o Megadeth.

O The Clash, Ramones, Patti Smith e os Sex Pistols surgiam com o Punk, que tem como características principais músicas simples, geralmente com no máximo três acordes, rápidas e ruidosas, com canções que abordam ideias políticas, principalmente o anarquismo, niilistas e revolucionárias. Também abordam temas sociais como o desemprego e a guerra, ou a diversão e o sexo. Influenciaram ainda o Post-Punk e o New Wave no fim dos anos 70 e nos anos 80, com bandas como The Police, Duran Duran, Blondie, Joy Division, Culture Club e, no Brasil, a Legião Urbana e os primeiros discos dos Titãs.

O Rock Progressivo, com suas composições longas e muito próximas da música erudita, que falam tanto de temas fantasiosos e românticos como de cunho político, apresentou artistas como o Pink Floyd, Yes, Genesis e o Jethro Tull, Frank Zappa, Blood, Boston, Foreigner, Kansas, Journey e Styx.

Muitas bandas que, em uma análise simples se encaixam em outros estilos de Rock, também experimentaram o Progressivo e o Rock Psicodélico. Este um movimento influenciado pela cultura Hippie, com instrumentação diferente, usando por exemplo, instrumentos de culturas orientais, solos longos, arranjos complexos e muitas vezes letras com referência a drogas. Os Beatles, Zappa, The Doors, The Who, os Rolling Stones, além de Jimi Hendrix, Jenis Joplin, os Bee Gees e, no Brasil, Os Mutantes.

A resposta aos excessos, principalmente dos dois últimos estilos citados, foi o Rock Roots, também chamado de Country Rock ou Southern Rock. Com origem nos Estados Unidos, retornava às origens do Rock, ou seja, o Blues, o Folk e o Country. Entre os artistas que seguiam esta linha podemos citar Bob Dylan, o Eagles, o

Lynyrd Skynyrd, o The Allman Brothers Band, Bruce Springsteen e, no fim dos anos 70, Tom Petty.

No fim da década de 60 e início da década de 70 ainda surge o Glam Rock. estilo diretamente ligado à cena psicodélica e do Rock inglês. Além de ser um estilo de música, também é marcado pela moda. As apresentações são muito extravagantes, com muito brilho, adereços e uma aparência andrógena dos músicos. Entre seus principais representantes estão Alice Cooper, David Bowie, Iggy Pop e o The New York Dolls. Influenciou muito artistas como Elton John, Kiss e o Queen. No Brasil temos como exemplo o Secos e Molhados, e Edy Star. Nos anos 80 surge ainda o Glam Metal e seus cabelos longos. Alguns artistas deste estilo são Bon Jovi, Poison, Mötley Crüe, Skid Row e Guns n' Roses.

O Rock Alternativo, embora tenha se popularizado na década de 90, surge nos anos 80 rompendo com a cena comercial do Rock. As letras continuam falando de temas sociais e ainda de meio ambiente, depressão e drogas. Normalmente tocam em locais pequenos e gravam com selos independentes. Um exemplo muito conhecido do Rock Alternativo é o REM.

Vários “tipos” de Rock ainda surgiram até o final dos anos 80, nos anos 90 e 2000, e provavelmente continuarão surgindo, uma vez que, como acredito que tenha conseguido demonstrar, o Rock absorveu e mesclou uma gama de influências que permite combinações quase infinitas. Para esse estudo cabe focar, principalmente, nas décadas de 50, 60, 70 e 80.

2.3 – As Influências de Raul

Nascido em 1945, Raul Seixas teve, sem dúvidas, como principais influências musicais os pioneiros Elvis Presley, Chuck Berry e Little Richard. Os ritmos precursores dos rock também marcam presença na sonoridade de Raul, o Blues, o Jazz e o Gospel, podem ser percebidos em diversos momentos de sua carreira, assim como os artistas e bandas que foram seus contemporâneos.

A música de Raul Seixas é normalmente descrita como uma mistura de rock com baião. O ritmo nordestino, principalmente na voz e no acordeão de Luiz Gonzaga, foi o que o menino Raulzito mais ouvia na infância.

Lá em casa se ouvia muito Luiz Gonzaga – “Chofer de praça”, “Que mentira que lorota boa”, a fase áurea de Luiz Gonzaga. Tinha também um tio meu, que ouvia todo tipo de música, Eu gostava muito de música cubana, mexicana, guarânicas, boleros , como “subanacan”, com os Lecuona Cuban Boys, “Espinita/” (Raul catarola divertindo: “Saber que estás matando/que estás acabando/com mi corazon”), essas coisas. Eu cantarolava o que ouvia no rádio. O que todo mundo cantava. (SANTOS in BAHIANA, 2006)

Luiz Gonzaga nasceu em 1912, no extremo oeste Pernambuco, filho de um lavrador apaixonado pelo acordeão, que tocava e consertava, e foi com o pai que Luiz aprendeu a tocar. Ainda criança se apresentava junto com o pai em bailes, forrós e feiras, sempre representando a cultura nordestina, característica que manteve até o fim da vida, mesmo seguindo carreira no sudeste brasileiro.

O estilo que Gonzaga consagrou e mais tarde inspirou Raul Seixas foi o baião, ritmo tipicamente nordestino, tocado normalmente com viola, sanfona, triangulo, flauta doce e acordeão. Os sons são intercalados na música com o canto e é quase sempre acompanhado de dança. Os temas das composições são baseados na cultura e no cotidiano dos nordestinos.

Uma música de Raul com clara inspiração de baião é “Let me Sing Let me Sing”. Esta música é a demonstração clara de como o ritmo nordestino se mistura com o rock norte americano na obra de Raul Seixas.

O que me pegou foi tudo, não só a música. Foi todo o comportamento rock. Eu era o próprio rock, o Teddy boy da esquina, eu e minha turma. Porque antes a garotada não era garotada, segui o padrão de adulto, aquela imitação de homenzinho, sem identidade. Mas quando Bill Halley chegou com “Rock Around the Clock”, o filme “No Balanço das Horas”, eu me lembro, foi uma loucura pra mim. A gente quebrava o cinema todo, era uma coisa mais livre, era a minha porta de saída, era a minha vez de falar, de subir num banquinho e dizer eu estou aqui. (SANTOS in BAHIANA, 2006)

Muitos consideram Chuck Berry como o inventor do rock n’ roll. Apesar de não ser possível garantir quem, de fato, foi o criador do estilo, uma vez que muitos artistas surgiram na mesma época, com certeza ele foi um dos pioneiros.

O rock n’ roll de Berry era uma mistura de blues, jazz, country, música gospel e funk, influenciado por grandes artistas destes gêneros, como Nat King Cole, Louis Jordan e Muddy Waters. As letras falavam sobre a juventude, mulheres e carros.

Chuck Berry influenciou mais que o desenvolvimento do rock, todo o estilo de vida e atitude *rocker*, como os grandes e elaborados solos de guitarra, além do comportamento dos músicos no palco, podem ser creditadas a ele. Grandes nomes do rock assumem terem sido diretamente influenciados por Berry, entre eles os Beatles e os Rolling Stones.

Outro pioneiro do rock n’ roll é Little Richard, que cresceu ouvindo os cantores de gospel nas igrejas negras, pegando daí seu jeito de cantar. Na adolescência aprendeu a tocar piano e passou a desbravar o rock, misturando boogie-woogie, rhythm & blues e música gospel, criando um estilo único de música agressiva, vibrante, intensa e tocada acelerada ao piano.

Dizia que sua cantora preferida na infância era Sister Rosetta Tharpe, artista de música gospel que ousava ao misturar a música cristã com instrumental secular que já lembrava o rock n’ roll. Também ouvia outros artistas, principalmente da música gospel e blues, além de instrumentistas, que ajudaram a formar sua característica musical, principalmente o piano.

Vários músicos contemporâneos a Little Richard gravaram versões de suas músicas, como Elvis Presley, Bill Haley, Pat Boone, Jerry Lee Lewis, The Everly Brothers e Gene Vincent. Além deles, músicos como Johnny Otis, James Brown, Etta James, Michael Jackson, Elton John, Freddie Mercury e Bruno Mars, e bandas como AC/DC, Led Zeppelin e Deep Purple, sempre se declararam como fãs e influenciados por Richard.

Elvis Presley, outro ícone do rock n' roll, fez sucesso com músicas de Little Richard e também foi influenciado inicialmente pela música gospel, passando a incorporar ritmos afros americanos ao seu repertório já na adolescência.

Elvis alcançava um público muito grande no mundo todo, uma vez que chegava não só através da música, mas também do cinema. Os jovens se inspiravam nas roupas, cabelo, jeito de andar e dançar do músico. E as meninas se apaixonavam pelo olhar sedutor e os passos de dança sensuais.

O estilo rockabilly, inspirado principalmente na música country e visível pelo jeito "Teddy boy" de se vestir, foi o disseminado por Elvis e até hoje tem adeptos no mundo da música, artistas ou não.

Quase todos os músicos de rock que viriam, sofreram alguma influência do estilo musical ou dos trejeitos de Elvis Presley. Raul gravou algumas versões para músicas de Elvis, dois exemplos são: "Eu nasci há dez mil anos atrás", versão de uma canção de domínio público americana, gravada por Elvis, "I was Born 10.000 Years ago" e "A Verdade sobre a Nostalgia", versão de "My Baby Left me", também gravada por Elvis.

Os Beatles se formaram em 1960, na Inglaterra, e são considerados por muitos estudiosos da música, como a banda que mudou o rock. Quando lançaram a música "She Loves You" em 1963, mudaram o jeito de tocar os acordes, criando um ritmo mais suave de rock.

A influência dos Beatles em Raul Seixas é percebida quando ele próprio diz que começou a se preocupar com o que dizia nas letras depois de ouvir Beatles: "poxa, esses caras estão cantando realmente a vida, estão dizendo que há pelo

mundo, o que pensam. Então eu posso fazer a mesma coisa, dizer exatamente o que penso em minhas músicas.” (PASSOS e BUDA, 2000).

Outra demonstração da admiração de Seixas pelos Beatles fica clara se contarmos o número de versões de músicas dos Beatles feitas por Raul além das inspiradas, com riffs e melodias parecidas. A primeira, “Você Ainda Pode Sonhar”, versão de “Lucy in the Sky with Diamonds” foi gravada ainda com a banda Os Panteras. Viriam depois “Peixuxa”, muito semelhante a “Ob La di ob La da”, “Tu és o MDC da Minha Vida”, com o riff muito parecido com o de “Things we Said Today”, “Dia da Saudade”, onde se pode ouvir o coro ao fundo cantando “Get Back”. Além das músicas “Não Quero Mais Andar na Contramão”, versão de “No No Song” de Ringo Starr, e as diversas referências aos Beatles que Raul fez em shows ao vivo.

Quando gravou o disco “Sociedade da Grã Ordem Kavernista apresenta sessão das dez” a intenção era fazer um disco parecido com o Sgt. Peppers dos Beatles, com inspiração também do músico Frank Zappa, outra inspiração para Raul.

Frank Zappa é um músico que durante sua carreira passeou por diversos estilos, o rock, o jazz, a música eletrônica e a música clássica. Nas suas composições fala sempre, às vezes de forma jocosa, de sua visão dos processos sociais e políticos, das estruturas da sociedade e dos movimentos sociais. Sempre foi um grande crítico do método educacional vigente na maior parte das sociedades e da religião, e um forte defensor da liberdade de expressão, da autodidática e do fim da censura.

Raul conheceu Zappa quando chegou ao Rio de Janeiro nos anos 60, quando começava a se preocupar com a mensagem que passaria com suas músicas, e logo o incorporou ao seu estilo.

A obra de Raul é extensa e cheia de inspirações e referências. Os fãs conseguem encontrar novas similaridades todos os dias e, se quisermos pensar sobre o assunto é possível encontrá-las em quase todas as músicas.

Raul muitas vezes dizia que não se sentia mal copiando músicas internacionais, muitas vezes não deu créditos aos autores da versão original, mas

sempre se referia aos seus ídolos e principais influências com muito respeito e admiração, o que pode fazer com que os “plágios” sejam vistos como homenagens.

Muitas outras inspirações poderiam ser comentadas, a escolha por essas se deu por serem as mais citadas por Raul ao longo de sua carreira. Seus contemporâneos brasileiros, principalmente a Jovem Guarda e o Tropicalismo, também eram citados, com menos frequência, e não podem ser vistos como menos importante numa obra tão cheia de “raulseixismos”.

2.4 – A música na Ditadura Militar

Foi em 2 de abril de 1964 que os militares derrubaram o governo do então presidente João Goulart e tomaram o poder. Naquele dia foi instaurada a Ditadura Militar no Brasil.

Com a desculpa de redemocratizar o país e limpá-lo de todo tipo de pensador que pudesse representar perigo para aquele grupo que havia tomado o poder, muitas pessoas foram agredidas, presas, torturadas e mortas.

O regime militar brasileiro, como de resto outras ditaduras latino-americanas, concentrou-se em vigiar e controlar o espaço público, regido por uma lógica de desmobilização política da sociedade como garantia da “paz social”. Neste sentido, esses regimes poderiam ser caracterizados como autoritários, pois sua atuação voltava-se para o controle e esvaziamento político do espaço público, preservando certas formas de liberdade individual privada. (NAPOLITANO, 2004)

Um grupo que se destacou na luta contra a opressão e como alguns dos mais perseguidos foram os artistas. Atores, músicos, escritores, cineastas, todos questionavam os fatos e informavam a população através do seu trabalho. Mesmo

perseguidos pelos órgãos de censura, os músicos populares do Brasil conseguiam contar os anos de ferro em músicas que até hoje são ouvidas e reconhecidas.

Os movimentos sociais brasileiros daquela época eram muito organizados. Movimento estudantil, sindicatos, a esquerda dentro das forças armadas, movimentos dos trabalhadores, todos articulados em entidades como a União Nacional dos Estudantes ou o Comando Geral dos Trabalhadores, por exemplo. Com a implantação da ditadura essas entidades foram sendo extintas ou se tornaram clandestinas.

Em 1968 ficava claro que os estudantes eram os grandes inimigos do regime militar e, como não podiam atuar em suas entidades, passaram a usar a música como meio de protesto. A música popular chegava às grandes massas, falando do que não era permitido se falar em manifestações claramente políticas.

Os festivais de MPB eram os grandes divulgadores dessa música popular, e mesmo o teor sócio cultural de movimentos como a Tropicália, por exemplo, passaram a incomodar os militares. Para controlar as músicas de protesto a ditadura apelou para a censura, que barrava qualquer composição que tivesse cunho político contrário ao regime ou extrapolasse a moral da sociedade dominante.

Essa censura se institucionalizou em 1968 com a promulgação do AI-5. Foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), por onde passavam todas as canções antes de serem executadas nos meios públicos. Não existia muito critério para a censura, poderiam acontecer vetos por motivos políticos, morais ou simplesmente porque os censores não entendiam o que o autor queria dizer naquela letra.

A obsessão por vigiar que a ditadura tinha como forma de prevenir uma ação subversiva gerava uma lógica da suspeita. Os agentes cooptados para o trabalho como censores, de tão rígidos que eram, acabavam produzindo um fenômeno típico de regimes autoritários: Mais importante que produzir informação, era produzir suspeita (NAPOLITANO, 2004).

Dentro desta lógica eram criados perfis, estereótipos de pessoas e situações potencialmente censuráveis. Eram criadas conspirações que, mesmo sem provas,

ou a mínima coerência que fosse, serviam para justificar a repressão. O inimigo tinha características claras, mas poderia estar escondido no território político e, principalmente, da cultura. Em um dos manuais³ de vigilância anticomunista produzidos pelo regime militar pode ser lido:

Aprender a ler jornais, ouvir rádio e assistir TV com certa malícia. Aprender a captar mensagens indiretas e intenções ocultas em tudo o que você vê e ouve. Não vá se divertir muito com o jogo daqueles que pensam que são mais inteligentes do que você e estão tentando fazer você de bobo com um simples jogo de palavras. (MAGALHÃES in NAPOLITANO, 2004)

Antes do AI-5 já existiam alguns artistas da MPB que eram vistos como inimigos da ditadura. A atuação dos agentes repressores no meio musical vai de 1967 a 1982, segundo documentos do DOPS, disponíveis no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e de São Paulo. Podem ser citados Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e Chico Buarque. Os dois primeiros eram tropicalistas, grupo que falava muito mais de contracultura que de questões políticas, estava muito mais próximos dos acontecimentos de Maio de 1968 em Paris que das doutrinas de esquerda que vigoravam na época. Mas para os militares isto não fazia muita diferença, ou não era reconhecido.

Quando foram presos em 1968, as acusações concretas contra Caetano e Gil eram de ter desrespeitado o Hino Nacional, cantando-o nos moldes do tropicalismo, e uma acusação de um grupo de católicos contra a gravação da música “Hino do Senhor do Bonfim”, além do fato de Caetano ter cantado “Noite Feliz” em um programa de TV com uma arma apontada para a cabeça. O resultado foi a prisão e o exílio dos dois em Londres, de 1969 a 1972.

Geraldo Vandré se tornou o maior inimigo do regime militar quando sua canção “Pra Não Dizer que Não Falei das Flores” ficou em segundo lugar no Festival

³ O parágrafo citado faz parte de um panfleto de instruções distribuído pelo Serviço Nacional de Informações - SNI na época do regime militar, denominado “Decálogo da Segurança”, encontrado nos arquivos do DOPS.

Internacional da Canção em 1968 e tornou-se um hino contra a ditadura, cantado por toda a juventude engajada. Alguns historiadores afirmam que esta foi a canção responsável pela promulgação do AI-5. Ela ficou proibida de ser executada no país até 1979, após a abertura política. Vandrê ficou no exílio de 1969 a 1973 e, diferentemente dos outros, nunca mais conseguiu retomar sua carreira.

A partir de 1971 os shows do “Circuito Universitário” ficam na mira de frente da ditadura, ocupando lugar de destaque nos relatórios da época. Como Vandrê ainda estava no exílio, o principal aglutinador da oposição militar passa a ser Chico Buarque.

Chico provavelmente foi o compositor e cantor que mais sofreu censura em suas músicas. Tanto as questões de protesto quanto as que feriam os costumes da época eram proibidas ou amputadas. Já em 1966, Chico tem uma música censurada, “Tamandaré” foi reconhecida como ofensiva ao patrono da marinha.

Mesmo depois do exílio de um ano na Itália, Chico Buarque continuou sendo perseguido depois de retornar ao Brasil. Inesperadamente, assim que retornou ao país mandou para a aprovação da censura a música “Apesar de Você”, já esperando que ela fosse vetada, mas a canção acabou aprovada, tornando-se um sucesso imediato, com mais de 100 mil cópias vendidas. Quando um jornal comentou que a música fazia referência ao presidente Médici, o exército invadiu a fábrica da Philips, apreendeu e destruiu os discos.

Nos anos seguintes muitas músicas e discos de Chico Buarque seriam censurados. Quando “Cálice” foi proibida de ser gravada em 1973, durante o festival Phono73, promovido pela Polygram, Chico e Gil tiveram o microfone cortado quando iam cantá-la, pela própria produção do evento que, embora apresentasse muitos artistas mal vistos pela ditadura, não queria problemas com o governo.

Algumas músicas de Chico Buarque conseguem passar pela censura quando ele passa a usar o codinome Julinho da Adelaide. Uma dessas músicas é “Jorge Maravilha”, com um verso que diz, “Você não gosta de mim, mas a sua filha gosta”, provável referência (algumas vezes desmentida por Chico) ao presidente Geisel, cuja filha declarava publicamente ser admiradora do cantor”.

Quando o AI-5 foi extinto em 1978, Chico Buarque regravou varias músicas proibidas, além de novas que afrontavam a moral tão defendida pela ditadura, como “Geni e o Zepelim”, “Folhetim” que retratava uma prostituta, e “Não Sonho Mais” que foi tema de dois travestis, um na peça “A Ópera do Malandro” e outro no filme “A República dos Assassinos”. Era uma clara revanche pelos anos de trabalho censurado.

Os anos 70 eram sombrios para a música e a cultura brasileira como um todo. Com a maioria dos artistas mais reconhecidos da MPB no exílio, o que se via era um vazio cultural. Em 1971 o jornalista e escritor Zuenir Ventura dá uma entrevista onde fala pela esquerda intelectual que permanecia no Brasil:

Contrastando com a vitalidade do processo de desenvolvimento econômico, o processo de criação artística estaria completamente estagnado. Um perigoso “vazio cultural” vinha tomando conta do país, impedindo que, ao crescimento material, cujos índices estarrecem o mundo, correspondesse idêntico desenvolvimento cultural. (VENTURA in: REZENDE, 2010).

A cultura seguia o exemplo da industrialização e modernização do país, e era massificada e, muitas vezes, rebaixada, para parecer que chegava à todas as pessoas. Os críticos classificavam quase tudo que se produzia nos primeiros anos da década de 70 como de “baixa qualidade”, mas diziam que isso não podia ser debitado da criatividade ou inteligência dos artistas, mas sim desse processo de massificação.

A autocensura também foi um problema para a qualidade do que era produzido culturalmente nesses anos. Muitos artistas tinham medo de lançar suas músicas ou gravar compositores que poderiam ser vetados. Sobre isso, Ventura fala na mesma entrevista:

A substituição do aparelho ostensivo da censura pelo mecanismo interno da auto-repressão, com cada criador ousando cada vez menos, é o caminho mais rápido para levar a cultura para o estado tão sonhado por aqueles que pensam em revólver quando ouvem a

palavra cultura: ao reino da ordem, do conformismo e da obediência
– à paz dos cemitérios. (VENTURA in: REZENDE, 2010)

O pior ano para os artista populares brasileiro foi o de 1973. Com a volta das manifestações estudantis, resultado da perseguições aos líderes do movimento, que estavam em sua maioria presos, mortos ou desaparecidos, a repressão se endureceu mais ainda.

Milton Nascimento teve o disco “Milagre dos Peixes” completamente cortado. Em uma das músicas, “Diálogo Entre Pai e Filho”, a única frase liberada para a gravação foi: “meu filho”. O disco então foi lançado com versões instrumentais das músicas.

Neste contexto que Ney Matogrosso, Gerson Conrad e João Ricardo formaram o Secos & Molhados. A banda muito carismática tinha fãs de todas as idades, se apresentavam de rostos pintados e traziam uma voz muito diferente dos outros cantores do sexo masculino, além da aparência andrógena de Ney Matogrosso, que se apresentava sem camisa e com muitas plumas, brilho e danças. A banda logo incomodou a censura, a moral e os bons costumes da época, que proibiu que a televisão filmasse o cantor de corpo inteiro, permitindo que fosse mostrado apenas o seu rosto em close.

Ainda em 1973, Gal Costa tem seu disco “Índia” comercializado com um envelope opaco cobrindo a capa, onde a cantora aparecia com uma tanga minúscula. O disco de Gonzaguinha, “Luiz Gonzaga JR” tem 15 músicas censuradas. Luis Melodia teve várias músicas vetadas na íntegra logo no seu disco de estreia. E Raul Seixas tem, só naquele ano, 18 composições vetadas.

A censura se mostrava tão ilógica e ignorante que, um disco que homenageava os 25 anos de morte do poeta Mário de Andrade, teve seis poemas proibidos, entre eles “Ode ao Burguês” e “Lira Paulistana”. A justificativa do veto foi estético, mais claramente “falta de gosto”. O censor que analisou o pedido não reconheceu Mário de Andrade e julgou ser um autor novato e vulgar.

Outro exemplo desse tipo de despreparo foi o disco de Adoniran Barbosa, lançado em 1973, mas com todas as músicas regravadas de seus discos dos anos 50, já em uma tentativa de não ter problemas com o governo. Inesperadamente, cinco de suas canções foram proibidas por utilizarem a linguagem coloquial. Como exemplo temo as famosas “Samba do Arnesto” e “Tiro ao Alvaro”, que só seriam liberadas se gravadas em linguagem culta.

Outra vertente da música popular brasileira, o brega, também foi marcada de perto pelo controle da ditadura. Músicos como Odair José e Genival Lacerda, que nada tinham a ver com qualquer movimento político, tiveram suas músicas censuradas. A música “Severina Xique-Xique”, de Genival, Lacerda é um exemplo de que o pensamento do governo militar tinha sido aceito por muitos grupos. A música foi denunciada por famílias do Ceará, que a consideravam como um desrespeito à moral do estado. A música foi encaminhada à Divisão de Censura de Brasília que, no entanto, liberou a música, afirmando que era um veículo de integração da nacionalidade.

Odair José foi, sem dúvidas, um dos compositores da música brega que mais sofreu com a ditadura. “O Motel” foi vetado sem ter um verso lido, só pelo título. “A Primeira Noite” foi considerada inconveniente para o público jovem da época, conseguindo ser liberada quando teve o título mudado para “Noite de Desejos”. A mais polêmica das composições de Odair José foi “Pare de Tomar a Pílula”, uma música que hoje pode ser considerada ingênua e simples, foi considerada totalmente ofensiva para o público da época.

Até mesmo a dupla Dom e Ravel, que em 1970 gravou “Eu te Amo, Meu Brasil”, logo adotada como um hino da ditadura, não escapou de ser interrogada dois anos mais tarde. A música “A Árvore” chamou a atenção da censura que imaginou que a letra falava sobre maconha, foi vetada e nunca foi lançada.

Uma infinidade de outros artistas poderia ser citada como vítimas da censura na ditadura. O interessante é notar como as músicas, peças, poesias, etc., permanecem como símbolos do protesto e da resistência, não só da classe artística, mas de toda uma geração e, porque não dizer, de todo um povo

Capítulo 3 – Raul

Eu sou a luz das estrelas;
Eu sou a cor do luar;
Eu sou as coisas da vida;
Eu sou o medo de amar.

(Gita – Raul Seixas)

3.1 – Biografia – Vida Pessoal

Raul Santos Seixas nasceu em Salvador, em 28 de junho de 1945, “Ano em que soltaram a bomba atômica”, como ele mesmo gostava de falar, em uma tradicional e conservadora família de classe média baiana. O pai era engenheiro ferroviário e a mãe dona de casa. Foi batizado com o mesmo nome do pai e do avô. Nasci baiano mesmo, na av. 7 de setembro, número 108, que é a avenida principal de Salvador. Hoje estão comendo bacalhau no quarto onde nasci. (PASSOS, s/d)

Apesar destas características, Raul cresceu questionando sobre temas complexos como a vida após a morte e o fim do mundo. Seu pai lia livros de metafísica e filosofia para os filhos. A biblioteca do pai era seu brinquedo favorito na infância e foi aí que surgiu o gosto pelas palavras e uma miopia precoce. O livro mais lido era o “Livro dos Porquês”. Raul inventava histórias de fantasia, fazia as ilustrações e vendia ao irmão caçula Plínio, três anos mais novo. O personagem central das histórias era um cientista louco que viajava no tempo com figuras históricas. (PASSOS, s/d)

O primeiro violão de Raul Seixas foi presente dos pais em 1954. No princípio ele não deu muita importância ao presente, até começar a aprender sozinho como tocar algumas notas e se apaixonar pela música. Raul já ouvia boleros e música nordestina, como as canções de Luís Gonzaga, que mais tarde também influenciariam sua carreira.



Raul, ainda criança, com os pais e o irmão.



Primeira Comunhão

O fato de morar próximo ao consulado norte americano foi fundamental para a formação musical de Raul. Com os amigos, filhos de embaixadores, teve a chance de conhecer o rock dos anos 50 que vinha dos Estados Unidos, trazendo o embrião do que se tornaria a contracultura.

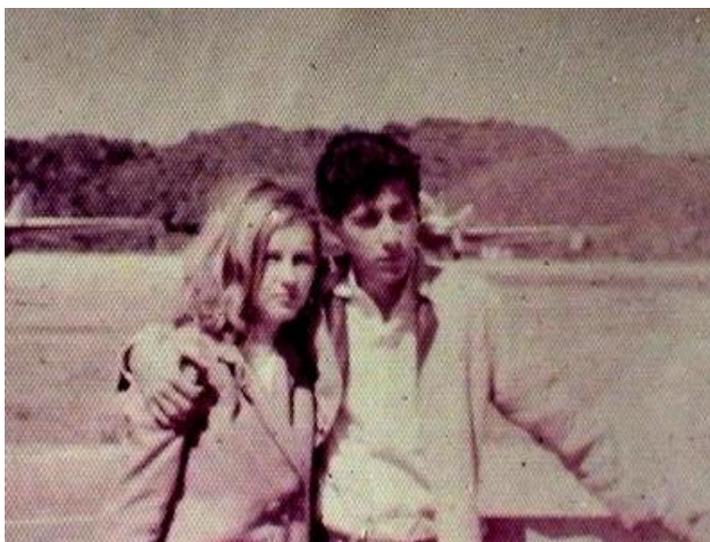
Já no começo da adolescência, Raul começou a beber e fumar. Era mais uma das rebeldias de roqueiro para afrontar os pais e a sociedade. O jeito de se vestir, pentear os cabelo e até o jeito de andar eram inspirados nos artistas norte americanos que chegavam pelas telas do cinema.

Pai mandava, filho obedecia, principalmente no nordeste. O rock trazia uma chama de rebeldia, não de você ser inimigo do pai, mas de dizer assim “eu quero fazer minha vida diferente da sua”. O rock foi, em primeiro lugar, uma música que dava uma afirmação masculina, uma sensação de poder, ainda que de um poder fictício, pra garotos de 15, 16 anos de idade (Braulio Tavares, 2012)

Aos treze anos Raul Seixas já percebia que o rock não era bem visto pelas pessoas que o cercavam. Ele entendia que era um ritmo para os jovens e sadios. Segundo ele, os adultos teriam inveja por não poderem mais fazer o que os jovens faziam.

Quando montou sua primeira banda enfrentou novamente as críticas da família e da classe média de Salvador. Sua música era classificada como “música para empregadas domésticas e caminhoneiros”, os únicos que frequentavam os shows e dançavam. As famílias tradicionais não permitiam que seus filhos fossem aos shows por acreditarem que as danças de Raul, inspiradas nas de Elvis Presley, eram, na verdade, ataques epiléticos.

Aos dezoito anos Raul Seixas começa outro fato que me parece relevante, sua paixão pelas mulheres. O primeiro de cinco casamentos⁴ aconteceu em 1967, com a americana Edith Wisner, filha de um pastor protestante que só autorizou o casamento depois que o noivo retomou os estudos e foi aprovado na faculdade de direito.



Edith e Raul

⁴ Raul foi oficialmente casado apenas duas vezes, com as duas primeiras namoradas, Edith Wisner e Glória Vaquer, ambas americanas. Tânia Menna Barreto, Kika Seixas e Lena Coutinho são as outras três esposas. Com Edith, Glória e Kika, Raul teve as três filhas, Simone, Scarlet e Vivian. As mulheres são tema recorrente nas canções de Raul Seixas.

Raul se afasta da música por um tempo e trabalha dando aulas de inglês e violão por alguns meses, até que é convidado por Jerry Adriani para reunir sua banda, Os Panteras, e atuar como sua banda de apoio na turnê que faria pelo norte e posteriormente Rio de Janeiro. Raul Aceita e viaja levando Edith.

Mesmo lançando um disco com sua banda, o sucesso não é suficiente para se manter no Rio de Janeiro com a banda e a esposa, e Raul volta para Salvador desiludido e resolve começar a estudar filosofia.

Quase um ano depois Raul Seixas conhece o diretor da gravadora CBS, Evandro Ribeiro, e volta com Edith para a “Cidade Maravilhosa”, desta vez para trabalhar como produtor musical.

Os amigos contam que Raul era uma figura muito séria, um “careta”, que ia trabalhar de terno e gravata, sempre carregando uma pasta. Mas não abandonava o sonho de ser artista.

Em novembro de 1970 nasceu a primeira das três filhas de Raul, Simone Andrea.

Em 1972, após participar do VII Festival Internacional da Canção, promovido pela Rede Globo, Raul Seixas retoma sua carreira como cantor. Quando conhece o escritor Paulo Coelho, em 1973, dá início a uma das suas mais frutíferas parcerias e uma amizade que, ao contrário do que muitos pensam, durou até o fim de sua vida.

Era uma amizade complicada, principalmente quando se reuniam para compor. Paulo diz, em seu depoimento para o filme “Raul – O Início, o Fim e o Meio”, que eles viviam como em um casamento, então existiam respeito e companheirismo, mas também existiam as brigas. E a isto pode ser creditado o sucesso nas composições que fizeram juntos.

Era uma relação realmente muito complicada, porque havia uma competição. Tanto eu como o Raul já tínhamos uma história, eu no underground, no alternativo, e o Raul em todos os passos que ele deu. Então nenhum dos dois queria perder pro outro. Acho que a gente saiu no tapa uma vez em Brasília, eu tenho quase certeza que

a gente saiu no tapa. A gente vivia junto, não há quem aguente! Não há quem aguente, pelo menos uma vez por dia, não insultar o outro, eu acho que isso é absolutamente normal numa relação. Agora, quando isso inclui o lado criativo... isso podia ser levado no bom humor, mas também podia ser levado numa de "Ih! Esse cara tá querendo mostrar que é superior", enfim.. (Paulo Coelho, 2012)

Uma das ideias da parceria com Paulo Coelho foi a Sociedade Alternativa, que chegou a ter uma sede, papéis timbrados e até mesmo um terreno onde seria construída a Cidade das Estrelas, uma comunidade onde a única lei era "faze o que tu queres, há de ser tudo da lei". Era o momento em que Raul mergulhava nos estudos sobre esoterismo e magia, se dedicando à obra do mago inglês Aleister Crowley.

O careta Raul Seixas foi apresentado a todos os tipos de drogas por Paulo, entrando num ciclo que mudou sua vida. A esposa Edith não resistiu e terminou o casamento, dizendo para os amigos que o Raul não era mais o mesmo. Ela voltou para os Estados Unidos em 1974 com a filha, com quem Raul nunca mais teve contato. O amigo de Raul, Sylvio Passos, me disse em entrevista que acredita que as relações frustradas com as mulheres, principalmente com Edith, colaboraram muito para agravar o problema do artista com a bebida e as drogas.

Ele já tinha uma tendência ao alcoolismo desde garoto... Mas o que colaborou muito com a questão do álcool foram as relações frustradas com as mulheres. Ele não conseguia manter uma relação estável com todas as mulheres que passavam. E a mais importante, posso dizer assim, aquela mulher que realmente bagunçou a cabeça dele foi a primeira, a Edith. Que conheceu o Raul cidadão comum, não era mais um artista. Penso numa possibilidade de ter um problema na cabeça dele, "ela casou comigo ou casou com o que eu represento?". Por mais que rolasse uma paixão, acho que isso perturbava ele. (Sylvio Passos, 2012)

Raul Seixas sempre foi descrito pelos amigos e familiares como uma pessoa muito diferente do artista que se apresentava nos palcos. Mas a loucura das

drogas e o deslumbre com o tão sonhado sucesso pareciam estar misturando os dois personagens e criando um novo Raul.

Esse sucesso atraiu uma multidão de fãs que o viam como um guru, um líder a ser seguido, e isso sempre assustou Raulzito, principalmente depois da morte de John Lennon em 1980.

Eram dois tipos de medo: Primeiro o medo de ser assassinado, como o Lennon foi. E quando o Lennon foi essa paranoia ficou muito maior. E o outro de verem nele o salvador da pátria. E ele cansava de falar "meu, não sou guru de ninguém, não sou líder de absolutamente nada, eu tô aqui colocando os meus questionamentos, não tô trazendo solução absolutamente nenhuma. Não tô trazendo respostas, tô trazendo mais perguntas, mais questionamentos" (Sylvio Passos, 2012)

Em 1974 Raul conheceu Glória, a irmã do seu guitarrista, o americano Jay Vaquer, enquanto ainda era casado com Edith. Depois da separação, ele se casou com Glória. Diferentemente da história que conta que Edith desistiu do casamento, Glória conta que Raul deixou Edith para ficar com ela, depois de um encontro que gerou um amor imediato.



Glória Vaquer e Raul

Em 1976 nasceu a segunda filha de Raul, Scarlet Woman, mesmo nome da mulher de Aleister Crowley. Por mais que tenha convivido pouco tempo com o pai, Scarlet, diferentemente da irmã Simone, tem boas recordações e ainda manteve contato com Raul, mesmo depois de voltar com a mãe para os Estados Unidos.

A terceira mulher de Raul foi Tânia, que ele conheceu quando Glória estava na maternidade. Segundo Tânia, em seu depoimento no filme “Raul – O Início, o Fim e o Meio”, eles namoraram por dois anos com Raul ainda casado com Glória, que por sua vez afirma não ter sentido ciúmes, já que para ela era normal um homem ter mais de uma mulher, principalmente no Brasil.

Todos os relacionamentos de Raul se mostram muito complicados quando contados pelas ex-esposas. Ter muitas mulheres era um dos projetos de Raul Seixas desde a infância, quando desenhava as capas dos discos que queria gravar, chegando a escrever: “Quando eu passasse pelas ruas, 1000 garotas avançam sobre mim, beijando-me... Eta pau!!!”. (SEIXAS, 1992).

O relacionamento com Tânia durou, oficialmente um ano, quando ele conheceu Ângela Maria Affonso Costa, hoje conhecida como Kika Seixas, e foi morar com ela. Segunda Tânia, no entanto, eles continuaram se encontrando até 1984.

Em 1979 o alcoolismo faz com que Raul precise de uma cirurgia para retirar mais da metade do pâncreas. A partir daí a doença foi só se agravando, com Raulzito sendo internado às pressas pela família várias vezes.

A terceira filha, Vivian, nasce do relacionamento com Kika, em 1981, quando Raul já estava morando em São Paulo, depois de muitos anos no Rio de Janeiro.

No mesmo ano Sylvio Passos descobre as músicas de Raul Seixas e resolve procurar pelo artista. Nasceu ali uma amizade que durou até a morte de Raul e deu origem ao Raul Rock Club, o fã clube oficial.

Raul dizia que estava mais calmo, mas continuava chato. Tinha outra maneira de ver as coisas. Mas as drogas, principalmente o álcool, ainda dominavam grande

parte da sua vida, piorando sua saúde, prejudicando a carreira e o relacionamento com a quarta mulher, Kika, de quem se separa em 1984.

Com a saúde muito comprometida e abalado por mais um casamento terminado, Raul vai para Salvador descansar e volta com a quinta mulher, Lena Coutinho, em 1985. Lena conta que foi relacionamento conturbado, principalmente pelo alcoolismo e as constantes internações de Raul. Eles se separam em 1988.

Raul então passa a viver sozinho pela primeira vez em muito tempo, tendo apenas a companhia dos amigos e da empregada Dalva.

O último ano de vida do músico é marcado pela amizade e parceria com o músico Marcelo Nova, com quem gravou um LP e voltou aos palcos para uma série de 50 shows por todo o país. Estas apresentações e o reconhecimento do público fizeram com que Raul aparente ter voltado com gás novo, mas a doença não permite que ele aproveite o sucesso da parceria.

Em 21 de agosto de 1989, Raul Seixas morre em casa. A causa da morte foi uma parada cardíaca causada pela pancreatite que o acompanhava há anos. Mas o fato que mais chocou foi que Raul Seixas morreu sozinho, em casa, longe dos fãs, dos amigos e das mulheres (esposas e filhas) que ele tanto amou.

3.2 – Após a morte

É comum ouvir os fãs dizerem que seus ídolos não morrem jamais e, em alguns casos, isso é mais evidente do que apenas no discurso dos fanáticos.

A morte de Raul Seixas foi triste não só por que todas as mortes o são, mas pela forma como aconteceu. Depois do sucesso avassalador de Raul nos anos 70 e o reconhecimento como “Pai do Rock Brasileiro” nos anos 80, os últimos anos de Raul não foram tão grandiosos.

Os shows com Marcelo Nova lotavam e os fãs ainda acompanhavam Raulzito fervorosamente, mas, para as gravadoras e a grande mídia, Raul já estava acabado para a música.

Isso não se comprovou depois de sua morte. Nos anos 90 Raul Seixas se firmou no mercado como um long seller, ou seja, sua produção mantém sempre uma boa frequência de vendas, mesmo com poucas novidades sendo lançadas. (ABONÍZIO, 2008)

Todos os anos são lançados livros que contam as diversas faces do músico. Todos os LPs foram relançados e muitas coletâneas foram feitas durante os últimos vinte e quatro anos. Algumas músicas foram descobertas ou revividas depois de terem sido vetadas durante a ditadura. A revista Veja, em matéria publicada em 1994, trouxe o número de mil discos de Raul Seixas vendidos por dia, o que daria mais de trezentos mil discos por ano, vendagem maior que a de artistas como Gal Costa ou o Gun's n' Roses no Brasil.

Na mesma matéria a revista compara Raul a Elvis Presley, em referência a ideia de “não morreu”, e da forma como continua venerado mesmo após sua morte:

Raul Seixas virou nome de viaduto em Salvador, mas é um espectro sem mausoléu, memorial, lenço nem documento. Sem nenhuma ajuda oficial nem empresarial, seu fantasma puxa os pés da música brasileira.

Raul Seixas é um fenômeno popular. Os estudiosos de renome nunca de dignaram a produzir um estudo sobre sua obra. Ele não

toca no rádio. Sua imagem não aparece na televisão. Nenhuma das grandes gravadoras fez algum projeto de marketing para vender seus discos. Sem nenhum esquema por trás, seu trabalho continua nas bocas, mentes e corações. (ABONÍZIO, 2008)

Depois de morto Raul foi absolvido de todo o caráter de transgressor que carregava e espantava os mais conservadores, preferem salientar suas qualidades e suavizar o que era visto como ruim, utilizando expressões carinhosas e irreverentes. Juliana Abonízio (2008) salienta que, ainda que deturpada, a imagem de Raul após a morte serve como um símbolo da sociedade que o produziu como mito, servindo para explicar alguns de seus aspectos:

Quando uma persona morre, a mídia busca características especiais para descrevê-la, justificando o fato de tê-la tomado como mito. A sociedade cujo sonho é ser outra justifica a popularização de mitos que atendem a essa demanda. Dá-se um processo de identificação com a personalidade que não mais intervém na vida social. Virou patrimônio. Foi absolvida! (ABONÍZIO, 2008)

Desde o velório de Raul Seixas os fãs se reuniram para homenagear o cantor. Não foram entoados cantos fúnebres durante o cortejo, que diga-se, percorreu o centro de São Paulo com caminhão do Corpo de Bombeiros, os presentes cantavam as músicas do ídolo e junto com as lágrimas traziam camisetas com sua foto e seu nome escrito no rosto. Na missa de sétimo dia, realizada na Catedral da Sé, a multidão se reuniu novamente.

Três anos antes da morte de Raul aconteceu a primeira passeata em sua homenagem. Daí em diante, todos os anos os fãs se reúnem no dia de sua morte, uma homenagem que a cada ano reúne mais pessoas.



23º Passeata em homenagem a Raul Seixas - 2012
Catedral da Sé – São Paulo/SP

Juliana Abonízio (2008) cita em seu livro diversos casos curiosos relacionados a Raul Seixas após sua morte.

Jovens entram em um ônibus na cidade de São Paulo para realizar um assalto, todos os passageiros têm seus bens roubados, exceto um que vestia uma camiseta com a foto de Raul. Um dos jovens teria dito: “Esse aí está protegido pelo mestre”

Em outro caso, citando depoimento do poeta Costa Senna no livro “O Trem das Sete” e em entrevista para a autora, o carro de um professor sempre tocava músicas de Raul Seixas no seu toca-fitas. Quando questionado sobre o motivo de não ouvir outra coisa, o professor teria afirmado que o carro só funcionaria ao som de Raul, desafiando o amigo a quem dava carona a desligar o rádio. O fato se confirmou quando o carro parou de andar sem a música e voltou a funcionar quando a música foi religada.

Este tipo de depoimento confirma um medo que Raul tinha em vida, se tornar um líder ou guru para os fãs. Para eles Raul Seixas nunca será lembrado pelas irresponsabilidades, pela doença ou os problemas pessoais, mas sim pelo que deixou como ensinamentos, ainda que Raul não quisesse que fossem tidos como lições.

Eu também não (gosto de “Gita”). É um disco doutrinário. Já reparou na capa? Estou eu lá, de dedo pra cima, veja se é possível! Como se eu quisesse indicar caminhos para as pessoas. (PASSOS (org), 2003)

Apesar de todos os sentidos que eu possa dar para essa vida após a morte de Raul Seixas, um dos motivos para que ele permaneça tão vivo, mesmo depois de mais de vinte anos de sua morte, é o fato de refletir uma insatisfação social no Brasil e no mundo, que ia além das alternativas políticas da época. Insatisfação que ainda persiste em algumas pessoas, que fazem uso da música e da imagem idealizada de Raul, muitas vezes resignificada, para demonstrá-la.

Ao tratar de temas como o indivíduo, a liberdade e a vontade, Raul Seixas garantiu a eternidade de suas palavras. No fim, talvez, tenha realizado seu sonho de escrever um tratado metafísico, não em um livro, mas nos discos que lançou.

Todo texto do Raul é atemporal, ele cabe em qualquer época, em qualquer situação. Ele soube trabalhar isso de uma maneira que ninguém trabalhou antes, pelo menos eu nunca vi nada. Tem essa questão da atemporalidade do texto do Raul, da pluralidade. O outro fator importante é que quem morre são os velhos, e todo trabalho musical do Raul é uma coisa voltada pros jovens. Por mais que o Rock já tenha cinquenta e tantos anos, é uma coisa pra jovem. Então isso é uma coisa que faz com que ele permaneça. Se o Raul tivesse gravado só boleros eu acho que não ia dar certo. Ele usou um elemento musical jovem, e isso mantém ele vivo. (Sylvio Passos, 2012)

É inegável também que Raul Seixas tem seu lugar de honra na história da música popular brasileira, o que garante a admiração por ser uma expressão cultural da qual a população se orgulha.

Considerações finais

Seria muito simples apenas contar a história de Raul Seixas cronologicamente, citando todos os fatos, todos os personagens, todas as datas. Mas a vida de uma pessoa não se conta apenas numa linha do tempo. Os indivíduos não são livres e únicos no mundo, existe uma interdependência entre estes e tudo que faz parte da sua história.

Como diz Pierre Bourdieu (1996): “Tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica...”.

Biografar Raul já começa complicado quando percebemos que existiam dois personagens diferentes. O Raul Seixas artista, dos palcos, público, e o Raul Seixas pessoa normal, anônima. Um se montava com figurinos, gestos e letras de musica, o outro era filho, pai, marido, amigo.

A infância em família conservadora, a juventude cheia da rebeldia do rock, os duros anos de censura na ditadura, as drogas e os casamentos frustrados. A vida de Raul Seixas é repleta de nuances a serem analisados.

Mas até onde um interfere no outro? O amigo Sylvio Passos acredita que Raul não deixava seus problemas pessoais transparecerem em suas músicas:

Isso era muito pessoal. O artista era o artista, o homem era o homem. E a imagem do artista não tem nada a ver com o cara que eu convivia diariamente. Um cara simples, extremamente generoso, educadíssimo! A imagem que se tem dele é de um porra louca, um doidão, inconsequente. Não, não era nada disso. (Sylvio Passo, 2012)

Mas o que fica claro é que cada momento da vida e da carreira de Raul Seixas se liga a outro, formando uma cadeia de acontecimentos que, desta forma, permitem contar sua história e tentar compreender os caminhos que sua vida e sua carreira tomaram.

Norbert Elias analisou diversos objetos durante sua vida, a morte, o nazismo, a etiqueta, a corte francesa, os duelos, as lutas pelo poder, a fofoca, os conflitos entre gerações, a estigmatização, sempre tratando a sociedade como uma teia de relações.

Todos sabem o que se pretende dizer quando se usa a palavra “sociedade”, ou pelo menos pensam saber. A palavra é passada de uma geração a outra com uma moeda cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser tratado. Quando uma pessoa diz “sociedade” e outra escuta, elas se entendem sem dificuldades. Mas será que realmente entendemos? (ELIAS, 1994.)

A sociedade é nada mais que uma porção de pessoas juntas, mas em cada lugar do mundo em cada época se compõe de uma maneira distinta. Ainda por um conjunto de indivíduos, mas com formas de viver diferentes. Não porque alguém, ou mesmo todos juntos, tenha planejado esta diferença, mas porque cada um faz determinadas coisas, mas a estrutura e as grandes transformações históricas da sociedade independem de qualquer pessoa em particular (ELIAS, 1994.)

A dicotomia entre indivíduo e sociedade se apresenta como um tema corriqueiro e controverso na sociologia. Em Introdução à Sociologia, Norbert Elias critica a essa forma tradicional de colocar os conceitos indivíduo e sociedade de forma separada e oposta. Em suas palavras: “A sociedade que é muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo, é inteiramente formada por indivíduos, sendo nós próprios um ser entre os outros”. (ELIAS, 1980.)

Para compreender os problemas sociológicos, Norbert Elias propõe que aconteça uma reorientação da forma de compreender a sociedade, não mais como esferas exteriores aos indivíduos e ao mesmo tempo separadas dele, mas sim como uma rede de interdependência entre indivíduos (sejam estas pessoas, grupos, entidades, etc), que se unem das mais diversas maneiras de acordo com suas inclinações e disposições, sejam aliados ou inimigos. Isso Elias chama de Configurações, que são o campo de estudo da sociologia. (ELIAS, 1980.)

Diz-se então que os indivíduos estão em configurações, desta forma o ponto de partida para qualquer investigação sociológica é um grupo de indivíduos que, de um modo ou de outro são interdependentes. Em “O Processo Civilizador” (1994), o autor utiliza como exemplo palpável de configuração a dança:

Pensemos na mazurca, no minueto, na *polonaise*, no tango, ou no rock'n'roll. A imagem de configurações móveis de pessoas interdependentes na pista de dança talvez torne mais fácil imaginar Estados, cidades, famílias, e também sistemas capitalistas, comunistas e feudais como configurações. Usando este conceito, podemos eliminar as antíteses, chegando finalmente a valores e ideais diferentes, implicados hoje no uso das palavras 'indivíduo' e 'sociedade'. Certamente podemos falar na dança em termos gerais, mas ninguém a imaginará como uma estrutura fora do indivíduo ou como uma mera abstração. As mesmas configurações podem certamente ser dançadas por diferentes pessoas, mas, sem uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes, não há dança. Tal como todas as demais configurações sociais, a da dança é relativamente independente dos indivíduos específicos que a formam aqui e agora, mas não de indivíduos como tais. Seria absurdo dizer que as danças são construções mentais abstraídas de observações de indivíduos considerados separadamente. O mesmo se aplica a todas as demais configurações. Da mesma maneira que as pequenas configurações da dança mudam - tornando-se ora mais lentas, ora mais rápidas - também assim, gradualmente ou com mais subtileza, acontece com as configurações maiores que chamamos de sociedades. (ELIAS, 1994)

Quanto mais forte a interdependência das partes da sociedade, mais necessário é explorar, não só as partes, mas como estas se ligam para formar a unidade. Em resumo, não se pode explicar a sociedade estudando os indivíduos isoladamente, muitas vezes, inclusive, só é possível compreender as ações individuais se começarmos estudando suas interdependências, as configurações que formam uns com os outros. Citando a teoria da Gestalt, Elias resume “que o todo é diferente da soma de suas partes, que ele incorpora leis de um tipo especial, as quais não podem ser elucidadas pelo exame de seus elementos isolados” (ELIAS, 1994.), dando exemplos práticos simples, como uma melodia que é diferente da soma de suas notas individuais ou um livro que é diferente da mera união de suas frases.

Até mesmo quando a relação entre os indivíduos é conflituosa cada um exerce sua função naquela configuração, de forma que, mesmo em posições desiguais, todas as partes tem poder e o exercem sobre os outros, justamente pela divisão dos papéis. E para Elias, “quanto mais essa divisão avança numa sociedade e maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais estreitamente elas são ligadas pelo fato de cada uma só poder sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras”. (ELIAS, 1994)

Existem muitas interdependências para se observar na tentativa de compreender a configuração de Raul Seixas. Ele foi bombardeado por indivíduos e influências, muitas vezes opostas, durante toda sua vida e carreira, e cada uma delas é fundamental neste trabalho.

Desde a infância Raul Seixas teve estímulos que marcariam para sempre sua vida e sua carreira. Foi criado em uma família muito tradicional e religiosa, mas sempre leu e questionou sobre as verdades absolutas que lhe apresentavam. Quando teve a chance de se posicionar usou a música para chocar a família e a sociedade, e para questionar tudo o que não lhe cabia como verdadeiro.

O rock n’ roll foi fundamental para definir os caminhos que Raul tomaria ao longo de toda a sua vida. Se não tivesse conhecido os amigos que o apresentaram ao som dos músicos norte americanos talvez tivesse estudado e se tornado engenheiro ferroviário, como queria o pai.

Quando conheceu o mundo da música além do prazer de ouvi-la e cantá-la percebeu que precisava e podia passar mensagens em suas composições. A ditadura militar estava nos seus anos mais duros e era preciso ser sutil e inteligente para passar pelo crivo da censura. E Raul conseguiu fazer isso por diversas vezes.

As verdades de Raul , no entanto, não eram eternas. Foi ateu, mas cantou sobre Deus e o Diabo. Foi anarquista e recusou fazer parte do grupo que se posicionava politicamente na ditadura, mas cantou os absurdos da censura e fez piada com o milagre econômico. Chegou até a cogitar uma candidatura a vereador.

A fama com que Raul sempre sonhou foi conquistada nos anos 70, mas o homem parece não ter conseguido se manter distante do artista e o deslumbre dos holofotes bagunçou a vida particular de Raul Seixas.

Sempre sonhou em andar na rua e ter várias mulheres aos seus pés, teve vários relacionamentos simultâneos, mas amou cada uma das esposas e namoradas, e sofreu com as separações. Sofrimento que o fez entrar numa espiral de autodestruição, pessoal, mas que influenciou diretamente na sua carreira.

O vício no álcool e nas drogas se fortalecia a cada frustração, pessoal ou profissional, e as frustrações eram um motivo a mais para recorrer aos entorpecentes.

No fim fica difícil saber o que ainda importava para Raul, ou se alguma coisa ainda importava. Tudo o que aconteceu na vida do artista o levou para um caminho que já parecia irreversível. Quando questionei Sylvio Passos sobre os últimos anos de Raul e como ele se sentia em relação aos planos que tinha na juventude, a resposta foi a seguinte:

Já ali nos últimos 3, 4 anos de vida dele, ele tava altamente frustrado. Com absolutamente tudo. Só não dava um tiro na cabeça porque não era um suicida a esse ponto, mas ele tava se suicidando aos poucos. O consumo descontrolado do álcool. Ele não conseguia parar de beber de maneira nenhuma. Ele acordava cinco horas da manhã, seis horas da manhã e a primeira coisa que ele botava na boca era um copo desse tamanho cheio de vodca. Muito pior que as drogas que ele usou, que não são tantas... O Raul tem uma imagem de que usou muitas drogas, mas não, o Raul só usou um tipo de droga a vida toda, tirando o álcool e o cigarro, cocaína. Coisa que ele conheceu quando ele estourou, quando fez sucesso, porque antes ele era completamente careta. Na década de 70, ele com sucesso, com muito dinheiro, com muita mulher, a cocaína apareceu na vida dele, e a partir daquele momento a vida dele tomou um rumo completamente enlouquecido. E já no final, cozido, literalmente, pelo álcool e enlouquecido pelo uso excessivo de cocaína, ele frustrou.

Ele viu que todos os sonhos, todos os projetos que ele tinha para o mundo, uma proposta bacana, que ele sonhava com isso, como John Lennon também sonhava e tantos outros caras sonhavam. Ele viu que aquilo não ia acontecer. E aí a própria vida pessoal dele tava muito ruim, a vida profissional dele já tava sendo rejeitada e tudo isso foi botando ele numa depressão profunda, uma frustração enorme, e ele viveu até o momento em que ele quis. Já não falava muito, já não andava muito. E o Raul era um cara extremamente vaidoso! Ele perdeu todos os dentes por causa do álcool, das drogas... Tudo aquilo magoava muito ele, acho que ele já não conseguia mais se encarar no espelho. (Sylvio Passos, 2012)

Até onde conduzi a pesquisa sobre a configuração de Raul, foi possível estabelecer as seguintes relações significativas do ponto de vista de sua trajetória pessoal e artística:

- Com jovens da classe média de Salvador, com quem conviveu na infância e juventude;
- Com jovens da classe baixa de Salvador, seu público inicial;
- Com os vizinhos norte-americanos, do Consulado e com a primeira namorada, também norte-americana; daí a influência da cultura do rock dos Estados Unidos e posteriormente da Inglaterra;
- Com o rock nacional, representado por versões de rocks americanos e pela Jovem Guarda;
- Com a música popular, assimilando o tradicional e reagindo ao novo, seja a Bossa Nova ou a música de protesto;
- Com o fracasso inicial de sua proposta musical, indicado pelo insucesso de sua tentativa de se estabelecer no Rio de Janeiro como músico, e sua volta como produtor musical;

- Com os agentes musicais, gravadoras e distribuidoras, que foram do céu ao inferno algumas vezes, ou seja, foram de muito boas até francamente conflituosas de forma cíclica;
- Com a magia e as leituras esotéricas, com a influência principalmente de Paulo Coelho e Marcelo Motta;
- Com seus demais parceiros musicais;
- Com um público de fãs cativos “para sempre”;
- Com o sucesso um tanto tardio, relacionado à censura de sua obra, sob alegações no plano moral mais que político;
- Com o esgotamento mercadológico de sua proposta inicial dos anos 80;
- Com o abuso de álcool e de cocaína;
- Com as atribulações de cinco casamentos “complicados”.

Para os configuracionistas, as pessoas vivem em cadeias de interdependência. Elias, em sua obra “Mozart: A Sociologia de um Gênio” julgou necessário observar qual era a estrutura social em que o indivíduo estava inserido e quais suas possibilidades enquanto tal, pois só assim seria possível perceber as coerções que agiam sobre ele e como ele se comportava em relação a elas, cedendo, sendo influenciado ou se opondo. Raul Seixas nasceu em uma tradicional família de classe média, mas apesar disso, cresceu questionando temas complexos, como a vida após a morte e o fim do mundo. Era um panfletário social, dos costumes, das atitudes, dos preconceitos e das burrices da velha geração ou, como ele dizia: do Velho Aeon. Os fatos que marcaram sua vida e carreira, assim como a conjuntura social da época, são fundamentais para entender a configuração de Raul e como esta o influenciou.

Referências Bibliográficas

ABONIZIO, Juliana. O protesto dos inconscientes: Raul Seixas e a micropolítica. Cuiabá: Edição do Autor, 2008.

Abril.com. Raul Seixas: “O rock n’ roll morreu em 1959”, Disponível em: http://www.abril.com.br/noticia/diversao/no_288557.shtml . Acesso em 10 de janeiro de 2013.

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003

ALVES, Luciana. Raul Seixas e o Sonho da Sociedade Alternativa. São Paulo: Martin Claret, 1993.

ARAUJO, Paulo César de. Eu Não Sou Cachorro, Não. Rio de Janeiro: Record, 2005

BAHIANA, Ana Maria. Nada Será Como Antes: MPB anos 70 – 30 anos depois. Rio de Janeiro: Editora Revista, 2006.

BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. Vivendo a Sociedade Alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M e AMADO, J. Usos e Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BUDA, Toninho. Um estudo crítico. In: BUDA, Toninho; PASSOS, Sylvio. Raul Seixas: uma antologia. São Paulo: Martin Claret, 2000.

CAMPOS, Luis Melo. A música e os músicos como problema sociológico. Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa, 2007.

CROWLEY, Aleister. Liber AL vel Legis. Trad. Marisol A. Seabra. [s.l.]: Ordo Templi Orientis, 1999. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 Nov. 2011.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. In.: ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Martins Fonte, 1980.

_____. *O Processo Civilizador*, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Os estabelecidos e os outsiders : sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2000.

_____. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

LEE-MEDDI, Jeocaz. A música Brasileira e a censura da ditadura militar. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=159935. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

CAMPBELL, Michael. *Popular Music in America: And the Beat Goes on*, Cengage Learning, 2008

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1971). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, p.103-126. 2004.

PASSOS, Sylvio. Entrevista concedida à Bianca Ferreira em 21 de Agosto de 2012.

PASSOS, Sylvio. Perfil biográfico. In: BUDA, Toninho; PASSOS, Sylvio. *Raul Seixas: uma antologia*. São Paulo: Martin Claret, 1992.

_____. *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PROUDHON, Pierre-Joseph. A propriedade é um roubo. L&PM Pocket. Porto Alegre. 2001. 172p. (p. 114-115).

REZENDE, Clarissa Teixeira Fazito. Folhas Volantes: impressos revolucionários na canção popular brasileira. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, Vitor Cei. Novo Aeon: Raul Seixas no torvelinho de seu tempo. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010

SEIXAS, Raul et al. A Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta Sessão das 10. CBS, 1971. 1 disco sonoro.

SEIXAS, Raul. Krig-ha, Bandolo! Philips/Phonogram, 1973. 1 disco sonoro.

_____. Gita. Philips/Phonogram, 1974. 1 disco sonoro.

_____. Novo Aeon. Philips/Phonogram, 1975. 1 disco sonoro.

_____. Há dez mil anos atrás. Philips/Phonogram, 1976. 1 disco sonoro.

_____. O dia em que a Terra parou. WEA, 1977. 1 disco sonoro.

_____. Mata Virgem. Warner Bros, 1978. 1 disco sonoro.

_____. Abre-te Sésamo. CBS, 1980. 1 disco sonoro.

_____. Raul vivo. Eldorado, 1983. 1 disco sonoro.

_____. Metrô Linha 743. Som Livre, 1984. 1 disco sonoro.

_____. Let Me Sing My Rock and Roll. Raul Rock Club, 1985. 1 disco sonoro.

_____. Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Bém-Bum! Copacanana, 1987. 1 disco sonoro.

_____. A Pedra do Gênesis. Copacabana, 1988. 1 disco sonoro.

_____. Raul Seixas ao vivo: o guru da sociedade Alternativa. Eldorado, 1999. 1 disco sonoro.

_____; NOVA, Marcelo. A Panela do Diabo. Warner Bros, 1989. 1 disco sonoro.

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de. A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras. São Paulo: Editora 34, 1998

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Krig-ha, Bandolo! Cuidado, aí vem Raul Seixas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. História Social da Música popular Brasileira. São Paulo; Editora 34, 1998

VENTURA, Zuenir. 1968 – o ano que não terminou: a aventura de uma geração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

*As fotos utilizadas no trabalho são do acervo pessoal de Raul Seixas, hoje propriedade do Raul Rock Club e de seus herdeiros ou foram tiradas por mim.

ANEXOS:

Álbuns de carreira



Raulzito e os Panteras – 1968 - Odeon

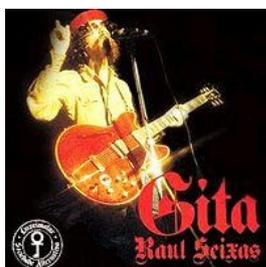


Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez
– 1971 – CBS

Os 24 Maiores Sucessos da Era do Rock – 1973 - Polyfar



Krig-há, Bandolo! – 1973 - Philips



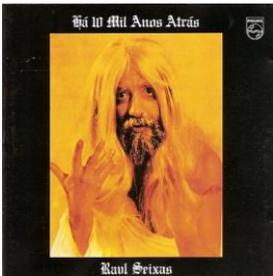
Gita – 1974 – Philips

O Rebu – Trilha sonora original da novela O Rebu, Rede Globo – 1974 – Som Livre

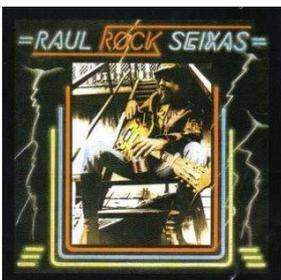
20 Anos de Rock – 1975 - Phiips



Novo Aeon – 1975 - Philips



Há Dez Mil Anos Atrás – 1976 - Philips



Raul Rock Seixas – 1977 - Fontana



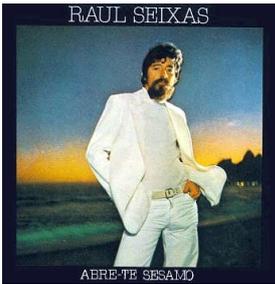
O Dia em que a Terra Parou – 1977 - WEA



Mata Virgem – 1978 - WEA



Por Quem os Sinos Dobram – 1979 – Warner Bros

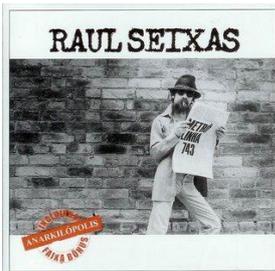


Abre-te Sésamo – 1980 - CBS



Raul Seixas – 1983 – Estúdio Eldorado

Raul Seixas ao vivo – Único e Exclusivo – 1984 – Estúdio Eldorado



Metrô Linha 743 – 1984 – Som Livre

Let me Sing My Rock and Roll – 1985 – Raul Rock Club

Raul Rock Volume 2 – 1986 – Fontana



Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum! – 1987 - Copacabana



A Pedra do Gênesis – 1988 - Copacabana



A Panela do Diabo (Com Marcelo Nova) – 1989 – WEA

Álbuns Póstumos

Eu, Raul Seixas – 1991 – Philips

O Baú do Raul – 1992 – Philips

Raul Vivo – 1993 – Eldorado

Se o Rádio não Toca – 1994 – Eldorado

Documento – 1998 – MZA

Letras das músicas citadas do texto:

Eu Sou Egoísta – Raul Reixas/ Marcelo Motta Novo Aeon – 1975

Se você acha que tem pouca sorte
Se lhe preocupa a doença ou a morte
Se você sente receio do inferno
Do fogo eterno, de deus, do mal
Eu sou estrela no abismo do espaço
O que eu quero é o que eu penso e o que eu
faço
Onde eu tô não há bicho-papão
Eu vou sempre avante no nada infinito
Flamejando meu rock, o meu grito
Minha espada é a guitarra na mão
Se o que você quer em sua vida é só paz
Muitas doçuras, seu nome em cartaz
E fica arretado se o açúcar demora
E você chora, cê reza, cê pede... implora...
Enquanto eu provo sempre o vinagre e o vinho
Eu quero é ter tentação no caminho
Pois o homem é o exercício que faz
Eu sei... sei que o mais puro gosto do mel
É apenas defeito do fel
E que a guerra é produto da paz
O que eu como a prato pleno
Bem pode ser o seu veneno
Mas como vai você saber... sem tentar?
Se você acha o que eu digo fascista
Mista, simplista ou antissocialista
Eu admito, você tá na pista
Eu sou ista, eu sou ego
Eu sou ista, eu sou ego
Eu sou egoísta, eu sou,
Eu sou egoísta, eu sou,
Por que não...

Você Ainda pode sonhar (Lucy in the Sky with Diamonds) – Lennon/ McCartney / Versão: Raulzito Raulzito e Os Panteras – 1968

Pense num dia com gosto de infância
Sem muita importância procure lembrar
Você por certo vai sentir saudades
Fechando os olhos verá
Doces meninas dançando ao luar
Outras canções de amor
Mil violinos e um cheiro de flores no ar
Você ainda pode sonhar
Você ainda pode sonhar
Você ainda pode sonhar
Feche seus olhos bem profundamente
Não queira acordar procure dormir
Faça uma força você não está velho demais

Prá voltar e sorrir
Passe voando por cima do mar
Para a ilha rever
Vá saltitando sorrindo a todos que vê
Você ainda pode sonhar
Você ainda pode sonhar
Você ainda pode sonhar

Porque? Pra que? – Eládio Raulzito e Os Panteras – 1968

Porque o azul é azul
Porque o lilás é lilás
Por que o sim não é sul
Porque não, não é mais
Porque
Pra que definir o azul
Pra que definir o lilaz
Pra que destinguir sim de sul
Pra que igualar não e mais
Pra que
Será que um dia poderei saber
Porque, pra que, pra que, porque
Porque, pra que
Porque o azul é azul
Porque o lilaz é lilaz
Por que o sim não é sul
Porque não, não é mais
Porque
Pra que
Porque

Let me Sing, Let me Sing – Raul Seixas Let me Sing my Rock and Roll – 1985

Uah-bap-lu-bap-lah-bein-bum!!!
Let me sing, let me sing
Let me sing my rock'n'roll
Let me sing, let me swing
Let me sing my blues and go, say
Não vim aqui tratar dos seu problemas
O seu Messias ainda não chegou
Eu vim rever a moça de Ipanema
E vim dizer que o sonho
O sonho terminou
Eu vim rever a moça de Ipanema
Ei dizer que o sonho
O sonho terminou
Let me sing, let me sing
Let me sing my rock'n'roll
Let me sing, let me swing
Let me sing my blues and go, say

Tenho 48 quilo certo
 48 quilo de baião
 Num vou cantar como a cigarra canta
 Mas desse meu canto eu não lhe abro mão
 Num vou cantar como a cigarra canta
 Mas desse meu canto eu não lhe abro mão
 Let me sing, let me sing
 Let me sing my rock'n'roll
 Let me sing, let me swing
 Let me sing my blues and go, say
 Não quero ser o dono da verdade
 Pois a verdade não tem dono, não
 Se o "V" de verde é o verde da verdade
 Dois e dois são cinco, n'ê mais quatro, não
 Se o "V" de verde é o verde da verdade
 Dois e dois são cinco, n'ê mais quatro, não
 Let me sing, let me sing
 Let me sing my rock'n'roll
 Let me sing, let me swing
 Let me sing my blues and go, say
 Num vim aqui querendo provar nada
 Num tenho nada pra dizer também
 Só vim curtir meu rockzinho antigo
 Que não tem perigo de assustar ninguém
 Só vim curtir meu rockzinho antigo
 Que não tem perigo de assustar ninguém
 Let me sing, Let me sing
 Let me sing, my rock'n'roll
 Let me sing, let me swing
 Let me sing my blues and go, go!
 Let me sing, Let me sing
 Let me sing, my rock'n'roll
 Let me sing, let me swing
 Let me sing my blues and go

**Eu sou eu, Nicuri é o Diabo – Raul Seixas
 Raul Seixas – 1983**

Eu sou eu, nicuri é o diabo
 Eu sou eu, nicuri é o diabo
 Eu sou eu, nicuri é o diabo

Eu sei quem sou
 E por onde vou
 Eu sei quem sou
 E por onde estou
 Eu agüento a barra
 Limpa ou da Tijuca
 Se vou lá no fundo
 Fundo a minha cuca
 Cucaracha cha-cha-cha-cha
 Mas...

Eu sou eu, nicuri é o diabo
 Eu sou eu, nicuri é o diabo
 Eu sou eu, nicucu é o didi
 Eu sou eu, nicuri é o diabo

E que diabo!

Kid-abo
 Kid-Colt
 Kid-Ringo
 Kid-Jingo
 Kid-Jango
 E por falar nisso
 Kid-Jango
 E por falar nisso
 Kid-Jango
 E quem souber disso
 Que me cante um tango:
 Que el mundo fué y será una porquería
 ya lo se, en el 510
 y en el 2000 también...
 Mas...
 Eu sou eu, nicuri é o diabo
 Eu sou eu, nicuri é o didi
 Eu sou eu, nicuri é o diabo

**Ouro de Tolo – Raul Seixas
 Krig-há, Bando! – 1973**

Eu devia estar contente
 Porque eu tenho um emprego
 Sou um dito cidadão respeitável
 E ganho quatro mil cruzeiros
 Por mês...
 Eu devia agradecer ao Senhor
 Por ter tido sucesso
 Na vida como artista
 Eu devia estar feliz
 Porque consegui comprar
 Um Corcel 73...
 Eu devia estar alegre
 E satisfeito
 Por morar em Ipanema
 Depois de ter passado
 Fome por dois anos
 Aqui na Cidade Maravilhosa...
 Ah!
 Eu devia estar sorrindo
 E orgulhoso
 Por ter finalmente vencido na vida
 Mas eu acho isso uma grande piada
 E um tanto quanto perigosa...
 Eu devia estar contente
 Por ter conseguido
 Tudo o que eu quis
 Mas confesso abestalhado
 Que eu estou decepcionado...

Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto "e daí?"
Eu tenho uma porção
De coisas grandes prá conquistar
E eu não posso ficar aí parado...
Eu devia estar feliz pelo Senhor
Ter me concedido o domingo
Prá ir com a família
No Jardim Zoológico
Dar pipoca aos macacos...
Ah!
Mas que sujeito chato sou eu
Que não acha nada engraçado
Macaco, praia, carro
Jornal, tobogã
Eu acho tudo isso um saco...
É você olhar no espelho
Se sentir
Um grandessíssimo idiota
Saber que é humano
Ridículo, limitado
Que só usa dez por cento
De sua cabeça animal...
E você ainda acredita
Que é um doutor
Padre ou policial
Que está contribuindo
Com sua parte
Para o nosso belo
Quadro social...
Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada
Cheia de dentes
Esperando a morte chegar...
Porque longe das cercas
Embandeiradas
Que separam quintais
No cume calmo
Do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora
De um disco voador...
Ah!
Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada
Cheia de dentes
Esperando a morte chegar...
Porque longe das cercas
Embandeiradas
Que separam quintais
No cume calmo
Do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora
De um disco voador...

As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor – Raul Seixas Gita - 1974

Tá rebocado meu compadre
Como os donos do mundo piraram
Eles já são carrascos e vítimas
Do próprio mecanismo que criaram

O monstro SIST é retado
E tá doido pra transar comigo
E sempre que você dorme de touca
Ele fatura em cima do inimigo

A arapuca está armada
E não adianta de fora protestar
Quando se quer entrar
Num buraco de rato
De rato você tem que transar

Buliram muito com o planeta
E o planeta como um cachorro eu vejo
Se ele já não aguenta mais as pulgas
Se livra delas num sacolejo
Hoje a gente já nem sabe
De que lado estão certos cabeludos
Tipo estereotipado
Se é da direita ou dá traseira
Não se sabe mais lá de que lado

Eu que sou vivo pra cachorro
No que eu estou longe eu tô perto
Se eu não estiver com Deus, meu filho
Eu estou sempre aqui com o olho aberto

A civilização se tornou complicada
Que ficou tão frágil como um computador
Que se uma criança descobrir
O calcanhar de Aquiles
Com um só palito pára o motor

Tem gente que passa a vida inteira
Travando a inútil luta com os galhos
Sem saber que é lá no tronco
Que está o coringa do baralho

Quando eu compus fiz Ouro de Tolo
Uns imbecis me chamaram de profeta do
apocalipse
Mas eles só vão entender o que eu falei
No esperado dia do eclipse

Acredite que eu não tenho nada a ver
Com a linha evolutiva da Música Popular
Brasileira
A única linha que eu conheça
É a linha de empinar uma bandeira

Eu já passei por todas as religiões

Filosofias, políticas e lutas
Aos 11 anos de idade eu já desconfiava
Da verdade absoluta

Raul Seixas e Raulzito
Sempre foram o mesmo homem
Mas pra aprender o jogo dos ratos
Transou com Deus e com o lobisomem

Sociedade Alternativa – Raul Seixas / Paulo Coelho
Gita – 1974

Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva! Viva!)
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva O Novo Aeon!)
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva! Viva! Viva!)
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa...
Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá!
Faz o que tu queres
Pois é tudo
Da Lei! Da Lei!
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa...
"-Faz o que tu queres
Há de ser tudo da Lei"
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
"-Todo homem, toda mulher
É uma estrêla"
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva! Viva!)
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
Han!...
Mas se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou discutir Carlos Gardel
Ou esperar Papai Noel
Então vá!
Faz o que tu queres
Pois é tudo
Da Lei! Da Lei!
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa...

"-O número 666
Chama-se Aleister Crowley"
Viva! Viva!
Viva! A Sociedade Alternativa
"-Faz o que tu queres
Há de ser tudo da lei"
Viva! Viva!
Viva! A Sociedade Alternativa
"-A Lei de Thelema"
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
"-A Lei do forte
Essa é a nossa lei
E a alegria do mundo"
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva! Viva! Viva!)...

Gita – Raul Seixas / Paulo Coelho
Gita – 1974

- Eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando, foi justamente num sonho que Ele me falou:
Às vezes você me pergunta
Por que é que eu sou tão calado,
Não falo de amor quase nada,
Nem fico sorrindo ao teu lado.
Você pensa em mim toda hora.
Me come, me cospe, me deixa.
Talvez você não entenda,
Mas hoje eu vou lhe mostrar.
Eu sou a luz das estrelas;
Eu sou a cor do luar;
Eu sou as coisas da vida;
Eu sou o medo de amar.
Eu sou o medo do fraco;
A força da imaginação;
O blefe do jogador;
Eu sou!... Eu fui!... Eu vou!...
Gita! Gita! Gita!
Gita! Gita!
Eu sou o seu sacrifício;
A placa de contra-mão;
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição.
Eu sou a vela que acende;
Eu sou a luz que se apaga;
Eu sou a beira do abismo;
Eu sou o tudo e o nada.
Por que você me pergunta?
Perguntas não vão lhe mostrar
Que eu sou feito da terra,
Do fogo, da água e do ar!
Você me tem todo dia,
Mas não sabe se é bom ou ruim.
Mas saiba que eu estou em você,
Mas você não está em mim.

Das telhas eu sou o telhado;
 A pesca do pescador;
 A letra "A" tem meu nome;
 Dos sonhos eu sou o amor.
 Eu sou a dona de casa
 Nos pegue pagues do mundo;
 Eu sou a mão do carrasco;
 Sou raso, largo, profundo.
 Gita! Gita! Gita!
 Gita! Gita!
 Eu sou a mosca da sopa
 E o dente do tubarão;
 Eu sou os olhos do cego
 E a cegueira da visão.
 Eu!
 Mas eu sou o amargo da língua,
 A mãe, o pai e o avô;
 O filho que ainda não veio;
 O início, o fim e o meio.
 O início, o fim e o meio.
 Eu sou o início,
 O fim e o meio.
 Eu sou o início
 O fim e o meio.

**Novo Aeon – Raul Seixas / Claudio Roberto
 / Marcelo Motta
 Novo Aeon - 1975**

O sol da noite agora está nascendo
 Alguma coisa está acontecendo
 Não dá no rádio e nem está
 Nas bancas de jornais
 Em cada dia ou qualquer lugar
 Um larga a fábrica e o outro sai do lar
 E até as mulheres, ditas escravas
 Já não querem servir mais
 Ao som da flauta da mãe serpente
 No para-inferno de Adão na gente
 Dança o bebê
 Uma dança bem diferente
 O vento voa e varre as velhas ruas
 Capim silvestre racha as pedras nuas
 Encobre asfaltos que guardavam
 Histórias terríveis
 Já não há mais culpado, nem inocente
 Cada pessoa ou coisa é diferente
 Já que assim, baseado em que
 Você pune quem não é você?
 Ao som da flauta da mãe serpente
 No para-inferno de Adão na gente
 Dança o bebê
 Uma dança bem diferente
 Querer o meu não é roubar o seu
 Pois o que eu quero é só função de eu
 Sociedade alternativa, sociedade novo aeon
 É um sapato em cada pé
 É direito de ser ateu ou de ter fé

Ter prato entupido de comida que você mais
 gosta
 Ser carregado, ou carregar gente nas costas
 Direito de ter riso e de prazer
 E até direito de deixar Jesus sofrer
 Dança o bebê
 Uma dança bem diferente
 Querer o meu
 Não é roubar o seu
 Pois o que eu quero
 É só função de eu
 Sociedade alternativa
 Sociedade novo aeon
 É um sapato em cada pé
 É direito de ser ateu
 Ou de ter fé
 Ter prato entupido de comida
 Que você mais gosta
 É ser carregado, ou carregar
 Gente nas costas
 Direito de ter riso e de prazer
 E até direito de deixar
 Jesus Sofrer

**Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás – Raul
 Seixas / Paulo Coelho
 Há 10 Mil Anos Atrás - 1976**

"Um dia, numa rua da cidade
 Eu vi um velhinho
 Sentado na calçada
 Com uma cuia de esmola
 E uma viola na mão
 O povo parou para ouvir
 Ele agradeceu as moedas
 E cantou essa música
 Que contava uma história
 Que era mais ou menos assim:"
 Eu nasci!
 Há dez mil'anos atrás
 E não tem nada nesse mundo
 Que eu não saiba demais...(2x)
 Eu vi Cristo ser crucificado
 O amor nascer e ser assassinado
 Eu vi as bruxas pegando fogo
 Pra pagarem seus pecados
 Eu vi!...
 Eu vi Moisés
 Cruzar o Mar Vermelho
 Vi Maomé
 Cair na terra de joelhos
 Eu vi Pedro negar Cristo
 Por três vezes
 Diante do espelho
 Eu vi!...
 Eu nasci! (Eu nasci!)
 Há dez mil anos atrás
 (Eu nasci há 10 mil anos!)

E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...(2x)
Eu vi as velas
Se acenderem para o Papa
Vi Babilônia
Ser riscada no mapa
Vi Conde Drácula
Sugando sangue novo
E se escondendo atrás da capa
Eu vi!...
Eu vi a arca de Noé
Cruzar os mares
Vi Salomão cantar
Seus salmos pelos ares
Eu vi Zumbi fugir
Com os negros prá floresta
Pro Quilombo dos Palmares
Eu vi!...
Eu nasci! (Eu nasci!)
Há dez mil anos atrás
(Eu nasci há 10 mil anos!)
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...(2x)
Eu vi o sangue
Que corria da montanha
Quando Hitler
Chamou toda Alemanha
Vi o soldado
Que sonhava com a amada
Numa cama de campanha
Eu li!
Ei li os símbolos
Sagrados de umbanda
Eu fui criança pra
Poder dançar ciranda
Quando todos
Praguejavam contra o frio
Eu fiz a cama na varanda...
Eu nasci! (Eu nasci!)
Há dez mil anos atrás
(Eu nasci há 10 mil anos atrás!)
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...(2x)
Não! Não!
Eu tava junto
Com os macacos na caverna
Eu bebi vinho
Com as mulheres na taberna
E quando a pedra
Despencou da ribanceira
Eu também quebrei a perna
Eu também...
Eu fui testemunha
Do amor de Rapunzel
Eu vi a estrela de Davi
Brilhar no céu
E para aquele que provar
Que eu tô mentindo
Eu tiro o meu chapéu...

Eu nasci! (Eu nasci!)
Há dez mil anos atrás
(Eu nasci há 10 mil anos atrás!)
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...(3x)

**Eu Também Vou Reclamar – Raul Seixas /
Paulo Coelho
Há 10 Mil Anos Atrás - 1976**

Mas é que se agora
Pra fazer sucesso
Pra vender disco
De protesto
Todo mundo tem
Que reclamar
Eu vou tirar
Meu pé da estrada
E vou entrar também
Nessa jogada
E vamos ver agora
Quem é que vai güentar
Porque eu fui o primeiro
E já passou tanto janeiro
Mas se todos gostam
Eu vou voltar
Tô trancado aqui no quarto
De pijama porque tem
Visita estranha na sala
Aí eu pego e passo
A vista no jornal
Um piloto rouba um "mig"
Gelo em Marte, diz a Viking
Mas no entanto
Não há galinha em meu quintal
Compro móveis estofados
Me aposento com saúde
Pela assistência social
Dois problemas se misturam
A verdade do Universo
A prestação que vai vencer
Entro com a garrafa
De bebida enrustida
Porque minha mulher
Não pode ver
Ligo o rádio
E ouço um chato
Que me grita nos ouvidos
Pare o mundo
Que eu quero descer
Olhos os livros
Na minha estante
Que nada dizem
De importante
Servem só prá quem
Não sabe ler
E a empregada
Me bate à porta

Me explicando
 Que tá toda torta
 E já que não sabe
 O que vai dá prá mim comer
 Falam em nuvens passageiras
 Mandam ver qualquer besteira
 E eu não tenho nada
 Prá escolher
 Apesar dessa voz chata
 E renitente
 Eu não tô aqui
 Prá me queixar
 E nem sou apenas o cantor
 Que eu já passei
 Por Elvis Presley
 Imitar Mr. Bob Dylan, you know...
 Eu já cansei de ver
 O Sol se pôr
 Agora eu sou apenas
 Um latino-americano
 Que não tem cheiro
 Nem sabor
 E as perguntas continuam
 Sempre as mesmas
 Quem eu sou?
 Da onde venho?
 E aonde vou, dá?
 E todo mundo explica tudo
 Como a luz acende
 Como um avião pode voar
 Ao meu lado um dicionário
 Cheio de palavras
 Que eu sei que nunca vou usar
 Mas agora eu também resolvi
 Dar uma queixadinha
 Porque eu sou um rapaz
 Latino-americano
 Que também sabe
 Se lamentar
 E sendo nuvem passageira
 Não me leva nem à beira
 Disso tudo
 Que eu quero chegar
 -E fim de papo!

**O Dia em que a Terra Parou– Raul Seixas /
 Claudio Roberto
 O Dia em que a Terra Parou - 1977**

Essa noite eu tive um sonho
 de sonhador
 Maluco que sou, eu sonhei
 Com o dia em que a Terra parou
 com o dia em que a Terra parou
 Foi assim
 No dia em que todas as pessoas
 Do planeta inteiro
 Resolveram que ninguém ia sair de casa

Como que se fosse combinado em todo
 o planeta
 Naquele dia, ninguém saiu de casa,
 ninguém
 O empregado não saiu pro seu trabalho
 Pois sabia que o patrão também não tava lá
 Dona de casa não saiu pra comprar pão
 Pois sabia que o padeiro também não tava lá
 E o guarda não saiu para prender
 Pois sabia que o ladrão, também não tava lá
 e o ladrão não saiu para roubar
 Pois sabia que não ia ter onde gastar
 No dia em que a Terra parou (Êêê)
 No dia em que a Terra parou (Ôôô)
 No dia em que a Terra parou (Ôôô)
 No dia em que a Terra parou
 E nas Igrejas nem um sino a badalar
 Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
 E os fiéis não saíram pra rezar
 Pois sabiam que o padre também não tava lá
 E o aluno não saiu para estudar
 Pois sabia o professor também não tava lá
 E o professor não saiu pra lecionar
 Pois sabia que não tinha mais nada pra
 ensinar
 No dia em que a Terra parou (Ôôôô)
 No dia em que a Terra parou (Ôôô)
 No dia em que a Terra parou (Uuu)
 No dia em que a Terra parou
 O comandante não saiu para o quartel
 Pois sabia que o soldado também não tava lá
 E o soldado não saiu pra ir pra guerra
 Pois sabia que o inimigo também não tava lá
 E o paciente não saiu pra se tratar
 Pois sabia que o doutor também não tava lá
 E o doutor não saiu pra medicar
 Pois sabia que não tinha mais doença pra
 curar
 No dia em que a Terra parou (Oh Yeeeah)
 No dia em que a Terra parou (Foi tudo)
 No dia em que a Terra parou (Ôôôô)
 No dia em que a Terra parou
 Essa noite eu tive um sonho de sonhador
 Maluco que sou, acordei
 No dia em que a Terra parou (Oh Yeeeah)
 No dia em que a Terra parou (Ôôô)
 No dia em que a Terra parou (Eu acordei)
 No dia em que a Terra parou (Acordei)
 No dia em que a Terra parou (Justamente)
 No dia em que a Terra parou (Eu não sonhei
 acordado)
 No dia em que a Terra parou (Êêêêêêêêêê...)
 No dia em que a Terra parou (No dia em que a
 terra parou)

Maluco Beleza – Raul Seixas / Claudio Roberto
O Dia em que a Terra Parou – 1977

Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual...
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Maluco total
Na loucura real...
Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez...
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza...
E esse caminho
Que eu mesmo escolhi
É tão fácil seguir
Por não ter onde ir...
Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Eeeeeeeuu!...
Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com toda certeza
Maluco, maluco beleza...

Todo Mundo Explica – Raul Seixas
Mata Virgem - 1978

Não me pergunte por que
Quem-Como-Onde-Qual-Quando-O Que?
Deus, Buda, O tudo, O nada, O ocaso,
Como o cosmonauta busca o nada, o nado, o nada
Seja lá o que for, já é
Não me obrigue a comer
O seu escreveu não leu
Papai mordeu a cabeça
De Dr. Don Sigismundo

Porque sem querer cantou de galo que
Cada cabeça era um mundo Gismundo
Antes de ler o livro que o guru lhe deu
Você tem que escrever o seu
Chega um ponto que eu sinto
Que eu pressinto
Lá dentro, não do corpo, mas lá dentro-fora
No coração, no sol, no meu peito eu sinto
Na estrela, na testa, eu farejo em todo o universo
Que eu to vivo
Que eu to vivo
Que eu to vivo, vivo, vivo como uma rocha
E eu não pergunto
Porque já sei que a vida não é uma resposta
E se eu aconteço aqui se deve ao fato de eu simplesmente ser
Se deve ao fato de eu simplesmente
Mas todo mundo explica
Explica Freud, o padre explica
Krishnamurti tá vendendo a explicação na livraria,
que lhe faz a prestação
Que tem Platão que explica,
Que explica tudo tão bem, vai lá que
Que todo mundo, todo mundo explica
O protestante, o auto-falante, o zen-budismo,
O Brahma e o Skol
Capitalismo oculta um cofre de fá, fá, fé,
finalismo
Hare Krishna dando a dica
Enquanto aquele papagaio curupaca implica
E com o carimbo positivo da ciência
Que aprova e classifica
O que é que a ciência tem?
Tem lápis de calcular
Que é mais que a ciência tem?
Borracha pra depois apagar
Você já foi ao espelho, nego?
Não?
Então vá!

A Verdade Sobre a Nostalgia – Raul Seixas
/ Paulo Coelho
Novo Aeon - 1975

Tudo quanto é velho eles botam pr'eu ouvir
E tanta coisa nova jogam fora sem curtir
Eu não nego que a poesia dos 50 é bonita
Mas todo o sentimento dos 70 onde é que fica?

Eu vou fazer o que eu gosto...
Eu vou
Dos 50 bonita-ta
Mas os 70 onde é que ele está?
Por isso a nostalgia eu tô curtindo sem querer
Porque está faltando alguma coisa acontecer

Mamãe já ouviu Beatles
Papai já deslumbrou
Com meu cabelo grande
Eu fiquei contra o que eu já sou

Eu vou fazer o que eu gosto
É mãe com os Beatles e o pai falô
Logo então eu fiquei contra o que eu já sou
O rock hoje em dia já mudou, virou outra coisa
É por isso que eu corto o cabelo

Na curva do futuro muito carro capotou
Talvez por causa disso é que a estrada ali
parou
Porém, atrás da curva
Perigosa eu sei que existe
Alguma coisa nova
Mais vibrante e menos triste

Eu vou fazer o que eu gosto
Atrás da curva do perigo existe
Alguma coisa bem mais nova e menos triste

**A Maçã – Raul Seixas / Paulo Coelho /
Marcelo Motta
Novo Aeon - 1975**

Se esse amor
Ficar entre nós dois
Vai ser tão pobre amor
Vai se gastar...
Se eu te amo e tu me amas
Um amor a dois profana
O amor de todos os mortais
Porque quem gosta de maçã
Irá gostar de todas
Porque todas são iguais...
Se eu te amo e tu me amas
E outro vem quando tu chamas
Como poderei te condenar
Infinita tua beleza
Como podes ficar presa
Que nem santa num altar...
Quando eu te escolhi
Para morar junto de mim
Eu quis ser tua alma
Ter seu corpo, tudo enfim
Mas compreendi
Que além de dois existem mais...
Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo
Do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar...
Quando eu te escolhi
Para morar junto de mim

Eu quis ser tua alma
Ter seu corpo, tudo enfim
Mas compreendi
Que além de dois existem mais...
Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo
Do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar...

**Anos 80 – Raul Seixas / Dedé Caiano
Abre-te Sésamo - 1980**

Hey! Anos 80!
Charrete que perdeu o condutor
Hey! Anos 80!
Melancolia e promessas de amor
Melancolia e promessas de amor...
É o juiz das 12 varas
De caniço e samburá
Dando atestado
Que o compositor errou...
Gente afirmando
Não querendo afirmar nada
Que o cantor cantou errado
E que a censura concordou...
Gente afirmando
Não querendo afirmar nada
Que o cantor cantou errado
E que a censura concordou...
Hey! Anos 80!
Charrete que perdeu o condutor
Eu disse: Hey! Hey! Anos 80
Melancolia e promessas de amor
Melancolia e promessas de amor...
Hey! Abram Alas!
Ai Viem Los Anios Oitienta
Vai Mamacita, Ui!...
Hey! Anos 80!
Charrete que perdeu o condutor
Hey anos 80!
Melancolia e promessas de amor
Melancolia e promessas de amor...
Pobre país carregador
Dessa miséria dividida
Entre Ipanema
E a empregada do patrão
Varrendo lixo
Prá debaixo do tapete
Que é supostamente persa
Prá alegria do ladrão
Varrendo lixo
Prá debaixo do tapete
Que é supostamente persa
Prá alegria do ladrão...

Hey! Anos 80! (Que barato!)
Charrete que perdeu o condutor
Eu disse: Hey! Anos 80!
Que esperança
Sonho de um sonhador!...

Carimbador Maluco – Raul Seixas Raul Seixas – 1983

5... 4... 3... 2...
- Parem! Esperem aí.
Onde é que vocês pensam que vão?
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!!
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!!
Tem que ser selado, registrado, carimbado
Avaliado, rotulado se quiser voar!
Se quiser voar....
Pra Lua: a taxa é alta,
Pro Sol: identidade
Mas já pro seu foguete viajar pelo universo
É preciso meu carimbo dando o sim,
Sim, sim, sim.
O seu Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Tem que ser selado, registrado, carimbado
Avaliado, rotulado se quiser voar!
Se quiser voar....
Pra Lua: a taxa é alta,
Pro Sol: identidade
Mas já pro seu foguete viajar pelo universo
É preciso meu carimbo dando o sim,
Sim, sim, sim.
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Mas ora, vejam só, já estou gostando de vocês
Aventura como essa eu nunca experimentei!
O que eu queria mesmo era ir com vocês
Mas já que eu não posso:
Boa viagem, até outra vez.
Agora...
O Plunct Plact Zum
Pode partir sem problema algum
Plunct Plact Zum
Pode partir sem problema algum
(Boa viagem, meninos.
Boa viagem).

Messias Indeciso - Raul Seixas / Kika Seixas Metrô Linha 743 – 1984

Certa vez houve um homem
Comum, como um homem qualquer
Jogou pelada descalço
Cresceu e formou-se em ter fé
Mas nele havia algo estranho
Lembrava ter vivido outra vez
Em outros mundos distantes e assim
acreditando se fez
E acreditando em si mesmo
Tornou-se o mais sábio entre os seus
E o povo pedindo milagres
Chamava esse homem de Deus
Há quantas ilusões
Nas luzes do arrebol
Quantos segredos terá
E enquanto ele trabalhava
Na sua tarefa escolhida
A multidão se aglomerava
Perguntando o segredo da vida
E ele falou simplesmente
Destino é a gente que faz
Quem faz o destino é a gente
Na mente de quem for capaz
E vendo o povo confuso
Que terrível, cada vez mais lhe seguia
Fugiu pra floresta sozinho
Pra Deus perguntar pra onde ia
Há quantas ilusões
Nas luzes do arrebol
Quantos segredos terá
Mas foi sua própria voz que falou
Seja feita a sua vontade
Siga o seu próprio caminho
Pra ser feliz de verdade
E aquela voz foi ouvida
Por sobre morros e vales
Ante ao messias de fato
Que jamais quis ser adorado
Há quantas ilusões
Nas luzes do arrebol
Quantos segredos terá

Metrô Linha 743 – Raul Seixas Metrô Linha 743 - 1984

Ele ia andando pela rua meio apressado
Ele sabia que tava sendo vigiado
Cheguei para ele e disse: Ei amigo, você pode
me ceder um cigarro?
Ele disse: Eu dou, mas vá fumar lá do outro
lado
Dois homens fumando juntos pode ser muito
arriscado!
Disse: O prato mais caro do melhor banquete

é
 O que se come cabeça de gente que pensa
 E os canibais de cabeça descobrem aqueles
 que pensam
 Porque quem pensa, pensa melhor parado.
 Desculpe minha pressa, fingindo atrasado
 Trabalho em cartório mas sou escritor,
 Perdi minha pena nem sei qual foi o mês
 Metrô linha 743
 O homem apressado me deixou e saiu voando
 Aí eu me encostei num poste e fiquei fumando
 Três outros chegaram com pistolas na mão,
 Um gritou: Mão na cabeça malandro, se não
 quiser levar chumbo quente nos cornos
 Eu disse: Claro, pois não, mas o que é que eu
 fiz?
 Se é documento eu tenho aqui...
 Outro disse: Não interessa, pouco importa,
 fique aí
 Eu quero é saber o que você estava pensando
 Eu avalio o preço me baseando no nível
 mental
 Que você anda por aí usando
 E aí eu lhe digo o preço que sua cabeça agora
 está custando
 Minha cabeça caída, solta no chão
 Eu vi meu corpo sem ela pela primeira e última
 vez
 Metrô linha 743
 Jogaram minha cabeça oca no lixo da cozinha
 E eu era agora um cérebro, um cérebro vivo à
 vinagrete
 Meu cérebro logo pensou: que seja, mas
 nunca fui tiete
 Fui posto à mesa com mais dois
 E eram três pratos raros, e foi o maitre que
 pôs
 Senti horror ao ser comido com desejo por um
 senhor alinhado
 Meu último pedaço, antes de ser engolido
 ainda pensou grilado:
 Quem será este desgraçado dono desta zorra
 toda?
 Já tá tudo armado, o jogo dos caçadores
 canibais
 Mas o negócio aqui tá muito bandeira
 Dá bandeira demais meu Deus
 Cuidado brother, cuidado sábio senhor
 É um conselho sério pra vocês
 Eu morri e nem sei mesmo qual foi aquele mês
 Ah! Metrô linha 743

**Cowboy Fora da Lei – Raul Seixas / Claudio
 Roberto
 Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum! – 1987**

Mamãe, não quero ser prefeito
 Pode ser que eu seja eleito
 E alguém pode querer me assassinar
 Eu não preciso ler jornais
 Mentir sozinho eu sou capaz
 Não quero ir de encontro ao azar
 Papai não quero provar nada
 Eu já servi à Pátria amada
 E todo mundo cobra minha luz
 Oh, coitado, foi tão cedo
 Deus me livre, eu tenho medo
 Morrer dependurado numa cruz
 Eu não sou besta pra tirar onda de herói
 Sou vacinado, eu sou cowboy
 Cowboy fora da lei
 Durango Kid só existe no gibi
 E quem quiser que fique aqui
 Entrar pra historia é com vocês!

**Não Quero Mais Andar na Contramão (No
 no Song) – Hoyt Axton / D. P. Jackson –
 Versão: Raul Seixas / L. Coutinho –
 A Pedra do Gênesis – 1988**

(Qucul! Qucul!)
 Hoje uma amiga
 Da Colômbia voltou
 Riu de mim porque
 Eu não "intindi"
 Do que ela sacou
 Aquele fumo rolou
 Dizendo que tão bom
 Eu nunca vi...
 Eu disse:
 Não! Não! Não! Não!
 Eu já parei de fumar
 Cansei de acordar pelo chão
 Muito obrigado!
 Eu já estou calejado
 Não quero mais andar na contra-mão...
 Da Bolívia
 Uma outra amiga chegou
 Riu de mim porque
 Eu não "intindi"
 Quis me empurrar
 Um saco daquele pó
 Dizendo que tão puro
 Eu nunca vi...
 Eu disse:
 Não! Não! Não! Não!
 Eu já parei de "hunfz"
 Cansei de acordar pelo chão
 Muito obrigado!

Eu já estou calejado
Não quero mais andar na contra-mão...
Titia que morava
Na Argentina voltou
Riu de mim porque
Eu não "intindi"
Me trouxe uma caixa
De perfume hehei
Daquele que não tem
Mais por aqui...
Eu disse:
Não! Não! Não! Não!
Não brinco mais carnaval
Cansei de desmaiar no salão
Muito obrigado!
Eu já andei perfumado
Não quero mais andar na contra-mão...(2x)

**Peixuxa – Raul Seixas / Marcelo Motta
Novo Aeon - 1975**

Entra pelas portas do fundo
Do Oceano Atlântico um cara
De baleia, terno e gravata
Seu nome é Peixuxa,
É amigo dos peixes
É gente e respira debaixo do mar
Mar, mar, mar
Ma, ma, ma, ma, mas sempre com um charuto
na boca
Vai andando debaixo d'água
Vai até o mediterrâneo
Pois tem um encontro com hora marcada
Com a lua cheia para um lindo jantar
Tem gente estranha por debaixo do mundo
Tal qual Peixuxa, baixo, gordo, salgado
Tem gente estranha trabalhando nos fundo
Que não é peixe mas não morre afogado
Do, do, do, do, do, do
Ele é cordial com os peixes
Dá bom-dia quando é de dia
Boa-noite quando é de noite
E se não é de dia e se não é noite
Peixuxa, amavelmente, dá "maresia"
Seu Peixuxa antigamente
Foi chamado de Deus dos mares
"Inda" guarda em casa um tridente
E quando eu olho
O mar com petróleo
Eu rezo a Peixuxa que ele fisque essa gente

**Tu és o MDC da Minha Vida – Raul Seixas /
Paulo Coelho
Novo Aeon – 1975**

Tu és o grande amor
Da minha vida
Pois você é minha querida
E por você eu sinto calor
Aquele seu chaveiro
Escrito "love"
Ainda hoje me comove
Me causando imensa dor
Dor!...
Eu me lembro
Do dia em que você
Entrou num bode
Quebrou minha vitrola
E minha coleção
De Pink Floyd...
Eu sei!
Que eu não vou ficar
Aqui sozinho
Pois eu sei
Que existe um careta
Um careta em meu caminho...
Ah!
Nada me interessa
Nesse instante
Nem o Flávio Cavalcanti
Que ao teu lado
Eu curtia na TV, na TV...
Nessa sala hoje
Eu peço arrêgo
Não tenho paz
Nem tenho sossego
Hoje eu vivo somente
A sofrer! A sofrer!...
E até!
Até o filme
Que eu vejo em cartaz
Conta nossa história
E por isso, e por isso
Eu sofro muito mais...
Eu sei!
Que dia a dia
Aumenta o meu desejo
E não tem Pepsi-cola que sacie
A delícia dos teus beijos...
Ah!
Quando eu me declarava
Você ria
E no auge da minha agonia
Eu citava Shakespeare...
Não posso sentir
Cheiro de lasanha
Me lembro logo
Das casas da banha
Onde íamos nos divertir
Divertir!...

Mas hoje o meu
Samsung-Garrard Gradiente
Só toca mesmo embalo quente
Prá lembrar do teu calor
Então eu vou ter
Com a moçada lá do Pier
Mas prá eles é careta
Se alguém
Se alguém fala de amor
Ah!...
Na Faculdade de Agronomia
Numa aula de energia
Bem em frente ao professor
Eu tive um chilique desgraçado
Eu vi você surgindo ao meu lado
No caderno do colega Nestor
Nestor!...
É por isso, é por isso
Que de agora em diante
Pelos 5 mil auto-falantes
Eu vou mandar berrar
O dia inteiro
Que você é: O Meu
Máximo Denominador Comum!...

Fotos:



Registro do Show no festival Phono73, realizado pela gravadora Phonogram (atualmente Universal) – Raul Seixas desenha no corpo o símbolo da Sociedade Alternativa.



Raul participando do Programa Silvio Santos e Programa do Chacrinha – Auge da carreira nos anos 70.



Raul Seixas com a mãe. Em foto da infância, com legenda escrita pelo próprio Raul e já adulto.



Montagem com fotos dos 5 relacionamentos de Raul Seixas.



Com a terceira filha, Vivian, do casamento com Kika Seixas.



Provável ultima foto de Raul Seixas, com o amigo Sylvio Passos.

"... QUANDO ALGUM PROFETA VIER LHE CONTAR QUE O NOSSO SOL TÁ PRESTES A SE APAGAR
MESMO QUE PAREÇA QUE NÃO HÁ MAIS LUGAR,
VOCÊS INDA TEM A VELOCIDADE DA LUZ PRÁ ALCANÇAR!..."



XXIVª PASSEATA-HOMENAGEM à Raul Seixas **21 de AGOSTO (TERÇA)**

16 hs: CONCENTRAÇÃO EM FRENTE AO TEATO MUNICIPAL (Pç. Ramos)

18 hs: Saída da PASSEATA

(Pç. Ramos de Azevedo, Viaduto do Chã, R. Libero Badaró, Largo do São Francisco, R. Benjamin Constant, Pç. da Sé)

19 hs: Concentração com SOM na Praça da Sé

22 hs – Encerramento

VIVA A SOCIEDADE ALTERNATIVA!!!

Inicativa e Apoio: **PANELA DO DIABO/PENHA – RAUL ROCK CLUBE/TERRA – LUAR ROCK
CLUBE/ITAQUERA – COISAS DO CORAÇÃO/GUARULHOS – TOCA MAIS UMA DE RAUL/CAIEIRAS
– POPULOUCOS/ITAPIRA - GAIA - COLETIVO HUMANITUDE - O COLETIVO LIBERTÁRIO/SP
- ASSESA – SEÇÃO DE ARTES E ESPETÁCULOS-SINDIVÁRIOS-SP-FOSP/COB-ACAT/AIT**

Panfleto divulgando a 24ª passeata em homenagem a Raul Seixas, realizada em 21 de agosto de 2012. O material que foi distribuído por meio de redes sociais e nas ruas da cidade de São Paulo.